

Adelaide F. Barbosa



27/12/1915

Margareth Rose Ribas¹

Dona Adelaide nasceu no dia 27 de dezembro de 1915 e nos deixou no dia 15 de março de 1986. Foi casada com o Dr. Augusto de Almeida Barbosa, com quem teve os filhos: Dr. João Augusto Barbosa (*in memoriam*) e José Augusto Barbosa.

Foi uma mulher incansável em prol da comunidade. Trabalhou como voluntária no Hospital 26 de outubro. Fez parte da comissão que construiu a Associação de Proteção à Maternidade e à Infância de União da Vitória, e inclusive foi presidente da diretoria que inaugurou tal casa hospitalar, sendo seu marido, Dr. Barbosa, seu primeiro diretor. Durante muitos anos, fazia roupas para crianças com peças de tecido comprados por ela e suas amigas, para serem doadas no final de ano, numa festa que era realizada na paróquia de São Bernardo, tempo do Padre Abel. Faziam bolos e doces, ganhavam refrigerantes de seu Aníbal Manfroni e então reuniam crianças carentes da beira do rio e outras, alimentando-as e presenteando-as.

Quando da morte de seu filho João Augusto, passou a dedicar-se com afinco ao hospital 26 de outubro, fazendo o que ela sabia fazer de verdade: costurar. Passou a fazer cortinas para os quartos, lençóis e fronhas, etc, auxiliada pela irmã Dionisia que trabalhava lá.

¹ Membro da Alvi. Ocupante da Cadeira nº 40, Patrono João Túlio Marcondes de França. Formada nos cursos de piano e teóricos afins, pelo Instituto de Música Raul Menssing, em Curitiba, Paraná e Letras Português-Inglês com especialização em Literatura pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras - FAFIUV. Diretora do Talento Conservatório de Música.

Durante a enchente de 1983, no andar de cima de onde hoje situa-se o IAPE, liderou uma grande equipe, da qual eu fiz parte, para ajudar os flagelados.

Recebíamos roupas, calçados, fraldas, cobertores, roupas de cama e outros donativos em grande quantidade. Uma equipe saía aos abrigos para cadastrar as famílias: número de pessoas em detalhes, se eram crianças, homens ou mulheres; não poderiam esquecer dos tamanhos das roupas e calçados. No prédio tínhamos salas separadas para os donativos: Os calçados deveriam ser ajeitados aos pares e por tamanhos; as roupas deveriam ser devidamente colocadas em prateleiras improvisadas, separadas para mulheres, homens e crianças. As que chegavam sujas, a dona Adelaide levava para casa para serem lavadas. Nas camisas sem botões estes eram colocados, caso necessários; às vezes não combinavam, mas o importante era que tudo fosse reparado, pois nenhuma roupa rasgada ou em muito mau estado deveria ser doada. Os remendos eram feitos sob os olhares da exigente Dona Adelaide. Líder nata, extremamente organizada e focada, visitava os abrigos e voltava dizendo o que estava faltando. Não sei dizer exatamente quanto tempo essa equipe trabalhou, porque aos poucos as pessoas voltavam para o seu trabalho e à sua rotina do lar.

Dona Adelaide sempre foi dedicada com a comunidade e provavelmente fez muitos benefícios que não foram divulgados.

Adélia Falk

1902 –1999

Therezinha Leony Wolff¹

Adélia Falk nasceu em Porto União da Vitória, quando ainda não fora assinado o Acordo de Limites entre Paraná e Santa Catarina, dia 25 de março de 1902. Aos dezoito anos casou-se com Carlos Falk assumindo os trabalhos de casa e como mãe de oito filhos: Olvino, Ary, Edgar, Doroty, Dalton, Therezinha, Nelci e um filho do coração, o sobrinho Paulo Vicente Rocha.

Formaram uma grande família, que aqui se estabeleceu e contribuiu com seu trabalho no desenvolvimento de Porto União. A senhora Adélia, que faleceu com 97 anos, teve uma vida sempre ativa, não somente como dona de casa e mãe, mas também em trabalhos voluntários na vida da população.

Pessoa sempre ligada à religião, foi uma das fundadoras e membro atuante na Congregação Feminina do Sagrado Coração de Jesus, na Igreja Matriz de Nossa Senhora das Vitórias. Esteve presente e colaborando na realização das missas, festas da igreja, nas procissões, e como integrante das comissões que visitavam doentes e conduziam a Bandeira do Divino Espírito Santo até as casas, antevendo a festa programada anualmente.

Muito colaborou com a direção do Hospital São Braz, desde o início de seu funcionamento, e foi incansável batalhadora para a instalação da Maternidade naquela casa de saúde. Faleceu em Porto União e está sepultada no Cemitério Municipal Prefeito Antiocho Pereira.

¹ Membro fundador da Academia de Letras do Vale do Iguaçu. Ocupante da Cadeira nº 20. Patrono: Ivonnich Furlani. Membro da Academia de Cultura e Expressão- ACUPRE. Contista e Memorialista. Autora de inúmeros livros e artigos.

Anna Frída Winkler

1892 - 1983

Therezinha Leony Wolff¹

Anna Frida Winkler, mais conhecida pela população de Porto União e de União da Vitória como Frau Winkler, nasceu na Alemanha em 23 de fevereiro de 1892.

Filha de Friedrich e Helena Schneider, estabeleceu-se no comércio de Porto União, como proprietária da Casa das Louças, na rua Prudente de Moraes, número 307.

Senhora de estatura mediana, porte pouco avantajado, cabelos presos na altura da nuca, pele alva com as faces coradas e um sorriso sempre pronto, voz baixa e calma, primava pela apresentação pessoal.

Um tanto reservada, nunca falava sobre sua família. Comunicava-se muitas vezes em sua língua de origem com fregueses alemães ou descendentes; na época muitos havia por aqui e nas localidades vizinhas. Quando falava o português conservava um sotaque germânico.

Em sua casa comercial, Frau Winkler serviu a população por mais de quarenta anos numa construção de madeira, pintura verde, com duas portas abrindo-se aos pares para a rua e uma janela guilhotina envidraçada que, quando fechada, servia de vitrine.

¹ Membro fundador da Academia de Letras do Vale do Iguaçu. Ocupante da Cadeira nº 20. Patrono: Ivonnich Furlani. Membro da Academia de Cultura e Expressão- ACUPRE. Contista e Memorialista. Autora de inúmeros livros e artigos.

No interior do armazém, nome usado pela freguesia, havia balcão e assoalho em tábuas corridas, sempre muito limpas, areadas com escovadelas de água e sabão. Havia também uma cadeira com assento de palha, logo na entrada, para o descanso de alguém até ser atendido.

Nas prateleiras, um verdadeiro arsenal de utensílios domésticos. A população encontrava ali desde as panelas fabricadas em ferro e alumínio ou esmaltadas, artigos em madeira, como jogos de colheres de pau, batedores de carne, rolos de macarrão, aos usados pelos bebês, como cadeiras altas, banheiras, e também jogos de fina louça, prataria e cristais. Tudo isso e muito mais, com o trabalho incessante de Frau Winkler, serviu as famílias para uso próprio ou para presentes. Também era uma casa que encantava a garotada pelos brinquedos, desde os tradicionais até os mais modernos naquele tempo, como os de corda, com pilhas, e os da marca Estrela, novidades por aqui.

Morando sozinha por algum tempo, dois cachorros faziam-lhe companhia: Tobi e Tedi. Eram poucas as vezes que saía de casa. Durante a semana frequentava a Igreja Evangélica Luterana, onde participava do coral nas celebrações e na segunda-feira dos ensaios, que aconteciam no Clube 25 de Julho.

Mulher de fibra, deixou seu trabalho no comércio local apenas quando sua saúde debilitada, em função da idade, não mais o permitia. Encaminhada para uma casa de repouso, na capital do Paraná, apenas voltou para Porto União quando de seu falecimento em 17 de fevereiro de 1983. Foi sepultada no Cemitério Municipal Antiocho Pereira dessa cidade.

Entre tantas outras mulheres, Frau Winkler é merecedora de ocupar um lugar no monumento erigido para homenagear aquelas que fizeram a história de Porto União e de União da Vitória.

Antonieta Nogueira Soares

1912 - 1975

Therezinha Leony Wolff¹

Antonieta Nogueira Soares nasceu em Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais, no dia 13 de junho de 1912. Casou-se naquela mesma cidade com Lauro Müller Soares e vieram para Porto União, onde fixaram residência. Ele médico dedicado à profissão, ela extremamente dedicada às causas benéficas para com a sociedade, desde logo angariaram a simpatia da população. Dr. Lauro, pessoa abnegada e dedicada ao atendimento dos doentes, fossem eles de família abastada ou de famílias pobres, empenhou-se na construção do Hospital de Caridade São Braz, sendo considerado seu médico fundador.

Antonieta, companheira fiel, dedicada, compreensiva, meiga e caridosa, doou o primeiro enxoval para o Hospital São Braz. Desde então, corações generosos, humanos e cristãos, tornaram-se pessoas estimadas em nossa terra, tanto da parte do Dr. Lauro como de Dna. Antonieta. Ele com os cuidados médicos e ela sempre humilde e discreta nos atendimentos caridosos, seja com alimentos, roupas ou palavras amigas. O conforto por ela proporcionado vinha até mesmo em forma de lazer, quando ao piano proporcionava horas de entretenimento e de alegria aos humildes.

O casal Antonieta e Lauro teve três filhos que cresceram nessas cidades sob os olhos e cuidados dos pais, especialmente da mãe: Lauro Antônio, Luiz Roberto e Caio Márcio.

Antonieta faleceu em 30 de outubro de 1975 em Curitiba, vítima de uma parada cardíaca. Sepultada naquela capital do Paraná, foi seu nome indicado como

¹ Membro fundador da Academia de Letras do Vale do Iguaçu. Ocupante da Cadeira nº 20. Patrono: Ivonnich Furlani. Membro da Academia de Cultura e Expressão-ACUPRE. Contista e Memorialista. Autora de inúmeros livros e artigos.

Patronesse da APAE de Porto União, indicação feita também por sua família, pelo espírito altruísta e préstimos no trabalho voluntário, sempre demonstrados em relação ao próximo. Amigos da família sugeriram esta singela homenagem para que essa pessoa maravilhosa não ficasse esquecida no tempo. Justa e merecida homenagem.

Fontes de consulta: Ari Passos, funcionários do Hospital São Braz. Sra, Sani e Sr. Darci.

Aquílina (Kelly) Panzoni Godinho



17/05/1940 - 08/04/2022

Roberto Domit de Oliveira¹

A partir dos dados fornecidos pela família da Kelly, como era conhecida, foi possível escrever uma pequena biografia de uma pequena grande mulher.

Aquilina Panzone Godinho, conhecida como Kelly, nasceu em São Paulo/SP, no dia 17/05/1940. Veio para União da Vitória com 15 anos com o pai, Mário Panzone, sua mãe, Deodózia Firagi Panzone (Dó), e o irmão José Panzone. Na época seu pai veio para trabalhar junto com o seu tio, Miguel Forte, numa indústria de compensados. A família estabeleceu-se, fez amigos e a jovem Kelly, pequena, graciosa e alegre, logo encontrou o seu amor, que seria seu marido e companheiro para a vida toda, o Jonas.

Em 1962, casou-se com Jonas Miguel Rosa Godinho. Tiveram dois filhos, Mário José Godinho e Luiz Fernando Godinho, e 3 netos, Maria Fernanda Godinho, João Vicente Godinho e Helena Tonkio Godinho. Essa

¹ Membro da Alvi (Academia de Letras do Vale do Iguaçu). Ocupante da cadeira nº 36. Patrono: Cícero Marcondes de França. Engenheiro. Diretor do “Casarão Domit”, no município de Irineópolis, no qual faz palestras sobre patrimônio histórico cultural junto a alunos de vários cursos e a visitantes de outros estados.

família construída com amor foi a alegria da sua vida, suas presenças e carinho preencheram e animaram seus dias.

Ela foi uma mulher dinâmica e gostava de estar envolvida em atividades sociais em benefício da comunidade. Assim, com os filhos crescidos, entendeu que era hora de realizar algo mais em sua vida. Em 1994 fundou, juntamente com sua prima Rosana Forte, o Atelier Tia Ruth, ideia da Kelly para homenagear a Ruth Forte, mãe da Rosana. E em 1995, Kelly e Rosana começaram a trabalhar para o Hospital São Braz, fazendo um bazar no final do ano para arrecadar fundos destinados para auxílio nas necessidades do hospital. Trabalhava muito em prol desse objetivo, mas sentia-se feliz por essa colaboração.

Em seguida, cheia de entusiasmo e de boas ideias decidiu organizar um bazar cujos lucros seriam destinados à Rede Feminina de Combate ao Câncer, também em parceria com sua prima e amiga Rosana. Desde então a renda do Bazar passou para a Rede Feminina de Combate ao Câncer. Foram feitos mais de 15 eventos, e Kelly sempre foi a tesoureira/caixa do bazar, além de recepcionar as pessoas.

O último evento que elas organizaram foi um leilão que obteve muito sucesso. A média que o bazar arrecadava era de R\$ 8.000,00 e o leilão arrecadou muito mais (mas a Rosana não lembra o valor exato). Esses eventos contribuíram para a Unidade Oncológica do Hospital São Braz, que estava em fase de construção. Esse trabalho foi algo dignificante para que as mulheres pudessem receber tratamento adequado, com exames mais completos que não existiam anteriormente.

A pequena Kelly faleceu dia 08/04/2022, aos 81 anos, deixando um legado muito bonito de trabalho e amor ao próximo. Que suas ações possam ser abençoadas por Deus dando a ela muita luz e paz. Mulher que orgulhosamente passará de agora em diante a fazer parte do Memorial Mulher na cidade de Porto União.

Áurea de Souza Clausen

a primeira vereadora em União da Vitória (PR)

1927 - 2004

Odilon Muncinelli¹

Na educação local é quase total o domínio das mulheres. Mas na política elas são bem poucas. Em Porto União (SC), sete mulheres marcaram o seu nome no exercício da vereança. Em União da Vitória (PR), apenas duas. E a professora Áurea de Souza Clausen foi a primeira delas.

Concorrendo à vereança no pleito municipal de União da Vitória, pela extinta Aliança Renovadora Nacional (ARENA), a professora Áurea de Souza Clausen foi eleita e diplomada como vereadora suplente e assumiu esse múnus público em substituição ao titular, nos anos de 1974 e 1975. Observação: Na época, o mandato não era remunerado e, assim mesmo, era exercido com elevada competência e exemplar zelo. Eram vereadores por amor à causa pública e por mero altruísmo. E a professora Áurea de Souza Clausen exerceu a vereança, dotada desses elevados atributos. Só para confirmar o fato: “[...] vale lembrar que o legislativo local teve outra mulher – Áurea Clausen – que foi eleita suplente e chegou a assumir a cadeira em substituição ao titular”. No dizer do inesquecível jornalista René Augusto, *in memoriam*, no Jornal Caiçara.

Mas quem foi essa mulher?

A jovem Áurea de Souza Clausen realizou o Curso Normal Secundário, no Colégio Santos Anjos, em Porto União (SC). Mais tarde, foi licenciada em Pedagogia, no ano de 1976, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, atualmente Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de União da Vitória.

¹ Acadêmico fundador da Alvi (Academia de Letras do Vale do Iguaçu), ocupando a Cadeira nº 18, tendo como Patrono João Farani Mansur Guérios. Advogado, cronista e anotador de histórias da Beira do Iguaçu.

Como professora, a senhora Áurea de Souza Clausen sempre esteve à frente de grandes ações e de bons projetos. Trabalhou na Escola de Aplicação José de Anchieta, na Inspetoria Regional de Ensino (extinta pelo Decreto nº 2.161, de 09 de dezembro de 1983), atualmente Núcleo Regional de Educação, e no Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), como Supervisora de Área. Sempre engajada em causas culturais.

Como vereadora, a professora Áurea de Souza Clausen foi a mulher pioneira, que abriu caminho, que enfrentou um palanque de comícios, que debateu a boa política, que falou em público dos nossos problemas. Enfim, que quebrou velhos paradigmas e construiu a sua vida pessoal e política, fazendo o que melhor sabia fazer: dialogar. Sempre pautada em posições firmes, ações diferenciadas e muita sensibilidade; sempre engajada em causas sociais. E fez a diferença.

Pois “O convívio com pessoas humildes, carentes de estímulo para uma inclusão social, certamente despertaram-lhe a vontade de reverter todo esse quadro e fortaleceram-na para encaminhar-se na vida política”. E “[...] sempre bem-disposta e com um sorriso aberto, ganha a simpatia de muitos e chega à suplência para exercer o cargo”. (No dizer da cronista e agitadora cultural Therezinha Leony Wolff, em Pegadas Amigas, página 116).

Concluindo, a professora Áurea de Souza Clausen deixou o seu nome marcado e assinalado nas páginas da história da política local e da Câmara de Vereadores União-Vitoriense, com relevantes serviços prestados em favor da sua terra e da sua gente.

E sempre será lembrada como a primeira mulher eleita vereadora em União da Vitória (PR). Anoto ainda que ela foi casada com Cristiano Clausen, um excelente cantor e festejado jogador do nosso futebol amador.

BERNARDINA XAVIER PINTO DE SOUZA

SCHLEDER 05/08/1881¹



Cordovan Frederico de Melo Junior

Nasceu a 05 de agosto de 1881, em Curitiba, Estado do Paraná, filha do Tenente Bernardo Xavier Pinto de Souza e de Maria Cândida Xavier Pinto de Souza. Seu pai foi um dos valorosos soldados que lutaram na guerra do Paraguai, sendo subordinado do Duque de Caxias.

A professora Bernardina passou sua infância na “Cidade Sorriso”, em companhia de sua mãe e de sua irmã, pois seu pai faleceu ainda muito jovem. Estudou no Colégio Dona Júlia de Souza Wanderlei, na Rua Aquidabã, e cursou até o quarto primário.

Em 1895, então com 14 anos, veio para União da Vitória, passando a morar na casa do seu avô Vicente Vieira, saindo apenas quando se casou aos 19 anos de idade.

Seu esposo, Teodoro Schleder, trabalhava no vapor e fazia o transporte e comunicação de Timbozinho a Porto Vitória. Em 1911, morre afogado no Rio Iguaçu o Sr. Teodoro Schleder, marido de Bernardina. Nesta época contava ela com 30 anos de idade e tinha sete filhos: João Maria, Hermes, Waldemar, Aurora, Candoca, Zulmira e Juraci. Viúva com sete filhos, Bernardina começou a lecionar em sua própria residência no Bairro São Pedro (antigo Tocos) perto da igreja do mesmo bairro, em uma casa de alvenaria na atual Avenida João Pessoa.

¹ Biografia escrita pelo autor Cordovan Frederico de Melo, extraída do livro União da Vitória – Nossa História – Uniporto, 1990, p. 233-234.

Bernardina estudava em casa, havendo duas versões sobre as pessoas que a ajudavam nos estudos: uns dizem que a professora Bernardina era preparada pelo Doutor Túlio de França e Clotário Portugal, outros afirmam que quem ajudava nos estudos eram o Coronel Cid Gonzaga e o Doutor Hermes Macedo, deslocando-se depois a Curitiba para prestar exames com a professora Júlia Wanderlei, nos quais saiu-se muito bem.

Entre 1918 e 1920, a professora Bernardina veio morar em uma das propriedades do Senhor Carlos Crema, propriedade ao lado da atual fábrica do Senhor Cabral, no Bairro do Rio d' Areia. Além da moradia, que era na parte de trás da casa, funcionava na frente à escola Dona Bernardina.

Catharina Tack Ulrich

17/11/1905

Therezinha Leony Wolff¹

Catharina Tack Ulrich nasceu em Blumenau, Santa Catarina, aos 17 dias do mês de novembro de 1905. Filha de Franz Henrich Tack e de Maria Zotz, foi uma mulher que muito trabalhou com seus préstimos culinários e comerciais para com a população de União da Vitória e de Porto União.

Aos 15 anos, em 01 de setembro de 1921, casou-se com Hugo Ulrich e deste matrimônio tiveram 9 filhos: Adélia, Aracy, Adelina, Alice, Anita, Alzira, Arno, Alvin e Ademir. Residindo na rua Carlos Cavalcanti, em União da Vitória, o casal era proprietário, inicialmente, de uma pequena casa comercial. Com simpatia e paciência, ela cuidando das coisas de casa e da alimentação, e ele atendendo a freguesia, o casal granjeou grandes amizades.

No período de instalação da Rede Ferroviária nesta região, muitos dos seus funcionários, com domicílios em outras localidades, hospedavam-se em prédio pertencente à própria empresa. Tinham, entretanto, o costume de fazer um aperitivo no estabelecimento comercial do senhor Hugo, no horário em que sua esposa Catharina preparava o almoço. Da cozinha, a comida caprichada e enriquecida pelos temperos exalava o agradável e saudoso aroma de uma comida caseira, que fomentava a fome dos que estavam aperitivando.

Passado algum tempo o grupo propôs ao casal que aumentassem o cardápio do almoço feito por dona Catharina, para desfrutarem daquela comida caseira. Proposição aceita, nasceu ali um pequeno restaurante.

¹ Membro fundador da Academia de Letras do Vale do Iguaçu. Ocupante da Cadeira nº 20. Patrono: Ivonnich Furlani. Membro da Academia de Cultura e Expressão-ACUPRE. Contista e Memorialista. Autora de inúmeros livros e artigos.

Tempos depois, com a dificuldade de conciliarem o sono, devido à chegada dos trens pela madrugada e o entra e sai do pessoal no pernoite, os ferroviários consultaram o casal sobre a possibilidade de terem um espaço na casa para se acomodarem. A casa era grande, mas não dispunha de espaço suficiente. Precisariam construir, no terreno dos fundos, quartos que servissem para acomodar o grupo de solicitantes. Com quatro quartos então construídos, nos fundos do quintal, para abrigar e servir refeições a cerca de dez ferroviários, o imóvel passou a ser conhecido como Pensão Casa Verde.

Por volta da II Guerra Mundial a casa foi demolida e deu lugar a um prédio de alvenaria com estrutura suficiente para um hotel. Com a mesma cor verde, o estabelecimento passou a ser Hotel Casa Verde. Com relação às tarefas, embora divididas entre os proprietários e os filhos maiores, coube a Catarina ficar responsável pela continuidade e manutenção do bom andamento dos trabalhos na cozinha e na limpeza; enfim, tudo o mais exigido para o funcionamento do hotel.

Sendo a locomoção ferroviária aos poucos desativada e crescendo o transporte rodoviário, a classe de motoristas deu um salto como pensionistas. Comumente, caminhões carregados de toras e de madeiras, vindos das serrarias, pernoitavam na rua em frente ao hotel, e os motoristas em grande número passaram a ser hóspedes do Hotel Casa Verde.

Também com a instalação da Escola de Comércio Davi Carneiro, muitos eram os estudantes que se deslocavam de outros municípios, principalmente do sudoeste paranaense, e que permaneciam, durante toda a duração do curso, ali hospedados.

Catharina, um baluarte na construção da empresa familiar, mesmo sendo mãe e criando nove filhos, sempre esteve junto ao esposo, à frente de atividades difíceis e indispensáveis para o desenvolvimento da empresa. Empresa que na sua simplicidade de bem servir, com um trabalho comprometido, organizado e honesto, favoreceu o crescimento da população no desenvolvimento social, comercial e industrial do município.

Dagny Caesar da Costa



1917 – 1971

Therezinha Leony Wolff¹

Filha, esposa, mãe, professora e avó foram alguns dos papéis de Dagny. Mulher inteligente e culta, que desde cedo demonstrou personalidade forte, indo em busca do que acreditava ser importante, com uma capacidade enorme de oferecer bondade, generosidade e lealdade. Possuidora de habilidades manuais, destacou-se em artes plásticas, produzindo telas de natureza morta.

Nasceu em casa, pelas mãos de parteira, em Poço Preto, distrito que na época pertencia a Porto União, Santa Catarina, na data de 22 de maio de 1917. Era o orgulho de seus pais Arthur Caesar Junior e Elvira Buch Caesar, sendo a primogênita de 5 filhos: Dagny, Carmem, Célio, Arthur Romário e Zeno Jair Caesar.

¹ Membro fundador da Academia de Letras do Vale do Iguaçu. Ocupante da Cadeira n° 20. Patrono: Ivonnich Furlani. Membro da Academia de Cultura e Expressão-ACUPRE. Contista e Memorialista. Autora de inúmeros livros e artigos.

Descendente de alemães, seu avô paterno havia vindo da Alemanha em 1891, e como muitos imigrantes, buscou a região que estivesse em expansão ao desenvolvimento, estabelecendo-se em Vila Nova, município de Mafra, Santa Catarina. Segundo a lenda, a família Caesar sempre costumava ser sociável e amigável.

Dagny, criança cativante, inteligente, curiosa e muito corajosa, iniciou seus estudos em Poço Preto (hoje distrito que pertence a Irineópolis, Santa Catarina) e também em Rio Negro, Paraná. Por volta dos 12 anos, na companhia de sua irmã mais nova, Carmem, e a pedido de seu pai, frequentou o Colégio Santos Anjos, ficando no internato até a sua formatura no Magistério.

O Colégio Santos Anjos, que inicialmente chamava-se Instituto Santos Anjos, aceitava somente alunas para a formação cultural e profissional (professoras), na sua maioria vindas de toda a região. A profissão de professora era considerada por Dagny como algo de contentamento, sentia prazer em ensinar a seus alunos aquilo em que mais tinha habilidade, as artes.

Aos vinte anos de idade uniu-se em matrimônio com Francisco Xavier da Costa (Chiquinho). Dessa união nasceram seus cinco filhos: Fernando Caesar da Costa, Irapuan Caesar da Costa, Déa Maria Caesar da Costa, Maria Denise Caesar da Costa e Dinorá Maria Caesar da Costa.

Nos anos quarenta, devido à Segunda Guerra Mundial, havia muita dificuldade para as famílias de classe média e Dagny viu-se obrigada a assumir várias funções para manter, junto com seu esposo, o sustento da família. Educava seus filhos, costurava e lecionava.

Começou sua carreira de professora no Grupo Escolar Prof. Balduino Cardoso, em Porto União, e aposentou-se no Grupo Escolar Prof. Serapião em União da Vitória, Paraná, lecionando o currículo prescrito e artes aplicadas.

Na sua vida Dagny passou por muitas dificuldades, mas sempre de forma corajosa. Com os filhos adultos e encaminhados profissionalmente, casados, Dagny trouxe seu pai, Arthur, para residir em União da Vitória. Este era então casado em segundas núpcias, e sua esposa Mariquinha era tratada como Vó pelos familiares.

No passar dos anos Dagny, já com sete netos, teve abalada sua saúde. Já não conseguia dispensar os cuidados que sempre teve para com todos, como gostava de fazer. Acometida de doença que causava muitas dores, necessitava de tratamento contínuo, mas mesmo assim persistia nos seus trabalhos. Veio a falecer em 7 de agosto de 1971, aos 54 anos, deixando para a família Caesar da Costa ensinamentos que deram uma estrutura de vida para seus entes queridos.

Delcí Aparecida Hausen Christ



10/10/1940

Therezinha Leony Wolff¹

Delcí nasceu no dia 10 de outubro de 1940 em Caçador, Santa Catarina. Filha de Osmar Maximiliano Hausen e de Adolfina Rosa Hausen, contraiu núpcias com Jairo Christ, e desse enlace nasceram três filhos: Cristiane, Felipe e Caroline.

Seus estudos iniciais foram realizados em Lagoa Vermelha, Rio Grande do Sul, onde concluiu o curso ginásial e a Escola Técnica Duque de Caxias, com formação no Curso Técnico em Contabilidade. Bacharelada em Filosofia e licenciada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, concluiu seu mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como Mestre de Educação na área de Psicologia Educacional.

Tranferindo-se com seus pais para Porto União, iniciou sua vida profissional lecionando no Colégio Santos Anjos, no Colégio Estadual Cid Gonzaga e, em União da Vitória, na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras e na Faculdade Municipal de Administração e Ciências Contábeis.

Seus ensinamentos como educadora estenderam-se até outras paragens, como ao município de Joaçaba, onde lecionou na Fundação Educacional do Oeste Catarinense. Dotada de grande capacidade

¹ Membro fundador da Academia de Letras do Vale do Iguaçu. Ocupante da Cadeira nº 20. Patrono: Ivonnich Furlani. Membro da Academia de Cultura e Expressão-ACUPRE. Contista e Memorialista. Autora de inúmeros livros e artigos.

comunicativa, Delci, desde logo, granjeou o respeito e a amizade daqueles pretensos à realização de um bom desempenho educacional.

Através da psicologia aplicada transformou, com seus ensinamentos, futuros mestres aptos aos trabalhos profissionais realizados com crianças, jovens e adultos. Diretora da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, conferencista e promotora de cursos, despertou gerações para propostas inovadoras, transmitindo esperanças futuras àqueles que labutam na arte de ensinar.

Nomeada diretora da Fundação Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de União da Vitória exerceu o cargo até 1995 quando, merecidamente, recebeu sua aposentadoria. Mas seu belo trabalho feito na educação teve continuidade no voluntariado de ação comunitária. Sensível à dor dos semelhantes, coordenou um grupo de amigas para reabrir a Rede Feminina de Combate ao Câncer que aqui estava, por alguns anos, desativada.

Constituída uma diretoria, Delci assumiu sua presidência. Com a diretoria formada e legalizada sob sua liderança, empenhou-se junto ao Governo do Paraná, através da Secretaria de Bem Estar Social, então dirigida pela senhora Fany Lerner, e num terreno cedido pela Prefeitura Municipal de União da Vitória, construíram e instalaram a sede dos trabalhos assistenciais aos enfermos.

O projeto de instalação e funcionamento da Rede passou a atender necessitados da região sul-paranaense e norte-catarinense. Hoje a sede, que tomou o nome de Casa Bebel em homenagem a uma inesquecível colaboradora nos trabalhos assistenciais, é conhecida pelas populações de toda a nossa grande região.

Essa casa desenvolve o trabalho assistencial por grupos que se revezam na costura, reformas e customização, transformadas em lindas peças na confecção de artesanato, tudo a ser revertido em verba de ajuda e manutenção do local, tendo em vista os objetivos aos quais se propõe.

Delci, com mais idade, embora com suas dificuldades locomotoras acentuadas, permaneceu sempre à disposição da Rede Feminina em assessoramento e colaboração, ensinando e realizando trabalhos artesanais em pintura, orientando e aconselhando aqueles que a procuravam.

Seu falecimento inesperado, em 13 de junho de 2022, deixou uma lacuna na família, no meio das pessoas colaboradoras, dos amigos e ex-colegas de magistério.

Seu sorriso, sua voz e as flores que sempre enviou incentivando amigos a não desistirem da realização de sonhos, sua simplicidade e sabedoria jamais serão esquecidos. Seu nome será eternizado nas cidades de Porto União e União da Vitória junto aos grandes personagens que em muito concorreram para o desenvolvimento cultural em vários setores da população, com seu nome inscrito no Memorial da Mulher.

DORILDA JOANA DA SILVA

1928 - 2005

Fahena Porto Horbatiuk¹



Dorilda nasceu em Porto União, dia 24 de junho de 1928. Foi casada com João Silva, açougueiro do frigorífico Saporiti, com quem teve cinco filhos: Rui Rogério, Roberto Carlos (*in memoriam*), Rudinei Luiz, Maria Salete (Neca) e Renato Antônio; e seis netos, quatro rapazes e duas moças.

João, esposo de Dorilda, faleceu aos 60 anos de idade. E, segundo a filha, Dorilda continuou dando sustento a toda a família, fazendo quitutes para fora.

Ela era uma pessoa feliz e bem relacionada. Rezava o terço toda segunda-feira, com amigas e vizinhas, e tinha sua turma de lanche, quando conversavam e se divertiam. Neca relata que sua mãe foi Presidente do Apostolado da Oração por vinte anos. E acrescenta: “Foi mamãe que iniciou o lanche do Apostolado da Oração, que fez por muitos anos, até sua morte”. Com o dinheiro do lanche, ela ajudava o seminário, comprava toalhas para a Igreja e tudo que faltasse. Como Ministra da Eucaristia levava a Santa Eucaristia para pessoas doentes, em casa.

¹ Membro fundador da Academia de Letras do Vale do Iguaçu - ALVI. Ocupante da cadeira nº 8. Patrono: Luis Wolski. Mestre em Linguística. Professora Universitária. Membro da Academia de Cultura Precursora da Expressão - ACUPRE. Escritora e pesquisadora.

Foi ela que idealizou o sopão para os pobres, servido às segundas-feiras, na cozinha da Igreja. Nem viajava mais, para não deixar de fazer a sopa, para a qual fornecia, também, ingredientes, como carne, verduras e pães.

A cronista Léa Maria Massignan Berejuk publicou a crônica “Dorilda e Dora – um exemplo de vida”, muito emocionante, que mostra o quanto Dorilda era capaz de se aproximar e de conquistar os mais necessitados. Dora era uma pobrezinha que vivia na rua, mas era demais arredia; no entanto Dorilda conseguiu fazê-la entrar em sua casa, tomar banho, e alimentar-se. Isso tudo por uns dois anos. Depois Dora surtou e foi internada; mesmo fora de si, chamava pela Dorilda, sua protetora.

Ulysses Antônio Sebben, na obra “Matriz do Sagrado Coração de Jesus – União da Vitória, PR 100 Anos de História” (2019), conta que Dorilda “atuava na Catedral Sagrado Coração de Jesus, na Legião de Maria, no Apostolado da Oração, Casa de Formação Cristã, em Retiros, e diversas outras atividades da Paróquia. Seu corpo foi velado na própria Catedral, onde deu grande parte de sua vida”. (p. 179).

Conforme Neca: “Morreu feliz, fazendo o que mais gostava”. Fez sua passagem para junto do Pai, dia 9 de junho de 2005, aos 77 anos, após uma cirurgia cardíaca, que complicou.

Dorilda foi uma liderança cristã, verdadeira seguidora de Jesus e de seus ensinamentos, muito digna representante de tantas lideranças leigas que, como ela, se doaram e se doam à vivência de sua fé, em benefício da comunidade, com os olhos voltados em primeiro lugar para os mais desfavorecidos.

ELLY ANA MIBACH

1932 – 2016¹

Aluizio Witiuk²



Sinto-me honrado pela confiança da família Mibach em participar da pesquisa e relatar a biografia da produtiva e exemplar Elly Ana Mibach. Ela é merecedora de eternizar seu nome no Memorial da Praça da Mulher em Porto União (SC) pelo reconhecimento e gratidão de sua contribuição para o desenvolvimento de nossas cidades.

Elly Ana Mibach nasceu em 28 de agosto de 1932 em Porto Vitória (PR), filha de Pedro Rudolfo Scheid e Maria Francisca Scheid. Viveu em Porto Vitória com seus pais e seus 12 irmãos até 31 de dezembro de 1956, data em que contraiu matrimônio com Adão Mibach, mudando-se para Porto União (SC). Desta união nasceram 4 filhos: Maristela, Darcísio, Inácio e Eliseu, e 10 netos: Darciele, Helder Vinicius, Ana Ligia, Beatriz Elen, Fernando Augusto, Rafael Mathias, Marilisa, Daniel Francisco (*in memoriam*), Gabriel Ian e Maysa.

Elly foi uma pessoa muito humilde, trabalhadora e, apesar de sua pouca escolaridade, era muito culta, religiosa e até política. Sempre foi do lar, mas preocupava-se com as pessoas, especialmente aquelas que sofriam entorses nos membros inferiores e superiores. Era aí que ela se dedicava às massagens, pelas quais ficou muito conhecida. Foi um dom que herdou de seu pai, Sr. Pedro Scheid, que em tempos antigos vinha de barco a vapor de Porto Vitória a União da Vitória para fazer massagens para as pessoas que se machucavam e eram atendidas na antiga Farmácia Moderna. Além da senhora Elly, outros irmãos e primos também herdaram o dom que inclusive até hoje

¹ Texto escrito com base em informações cedidas por familiares de Elly Ana Mibach.

² Membro da Academia de Letras do Vale do Iguaçu (Alvi). Ocupa a cadeira nº 30. Patrono: Prof. Serapião do Nascimento. Professor, jornalista e escritor.

praticam. Era sofrido, mas em pouco tempo depois das massagens as pessoas se sentiam aliviadas. Estas massagens eram conhecidas como “colocar o nervo no lugar”. Muitas foram as pessoas que passaram pelas massagens da senhora Elly, agradecidas pelo feito de alívio da dor. Ela atendia todos com muito carinho e respeito.

Era uma pessoa versátil e de uma educação ímpar. Um dos destaques de sua versatilidade era o cuidado com a horta e flores. Na sua horta plantava verduras, ervas e chás de todas as espécies. O mais famoso era o cultivo de tomates. Havia uma espécie que produzia frutos de até meio quilo, sendo motivo do seu maior orgulho, além dos tomatinhos-cereja e morangos, que são as doces lembranças de infância dos netos. Sua generosidade era tanta que ela plantava para distribuir as verduras e os chás para seus filhos, netos, vizinhas e amigas. Além da horta, ela cultivava uma imensa variedade de flores, entre elas os brincos-de-princesa, as quais suas netas amavam, pois usavam como brincos e se diziam princesas. Seu jardim florescia tanto que ela sempre presenteava alguém com alguma flor, e sua dedicação era tamanha que ocupava grande parte do seu dia regando e adubando suas plantas.

Vale destacar também sua religiosidade. Jamais foi vista diante de uma televisão, a não ser para acompanhar a missa ou terço na Rede Vida. Tinha prazer em ensinar seus netos a rezarem o terço. Participou ativamente na Igreja Nossa Senhora das Vitórias, sendo membro do Grupo da Legião de Maria e devota de Nossa Senhora. Gostava de participar e trabalhar como voluntária nas festas da Igreja.

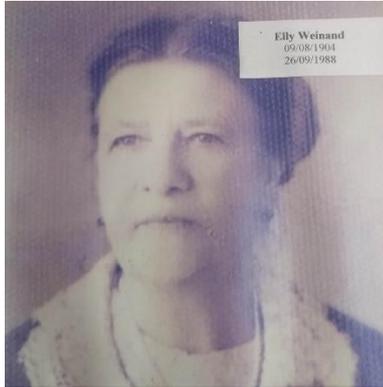
Outro legado que jamais será esquecido na memória afetiva dos filhos e netos eram os seus feitos na cozinha. Cada final de semana fazia as cucas alemãs de coco, uva e outros sabores para todos os familiares. As receitas eram antigas e foram ensinadas pelos seus tios e avós. Todos os aniversários da família tinham sempre um bolo confeccionado pelas habilidosas mãos da vó Elly. Um capítulo à parte de suas habilidades culinárias era a confecção de bolachas natalinas em estilo alemão (aquelas pintadas com cores e motivos natalinos). O sabor inigualável tornou-se marca na infância dos netos, pois ela fazia questão de ensinar e compartilhar seus conhecimentos culinários com os

mesmos, que continuam mantendo sua memória viva usando suas receitas na cozinha e na vida. Todas as guloseimas e almoços eram feitos em seu fogão a lenha, pelo qual ela tinha um cuidado e preferência especial.

Era prendada na costura e crochê. Seus trabalhos manuais eram maravilhosos. Não existia uma toalha ou pano de prato que não tivesse uma barra de crochê, além dos joguinhos de toalhas que ela tinha prazer em confeccionar e depois engomar, transformando tudo em verdadeiras obras de arte.

A senhora Elly Ana Mibach partiu para junto do Pai Celestial no dia 7 de abril de 2016, aos 83 anos e 8 meses de idade, na cidade de Porto União (SC), abrindo lacunas na sociedade. Sua passagem deixou um grande legado que jamais será esquecido pelos seus familiares, parentes, amigos e instituições, das quais participava com abnegação e espírito altruísta. Fica para as futuras gerações a referência de alguém que acreditava na vida com empatia e que foi amável e afável com todas as pessoas, independente de classe social, raça, cor e credo religioso.

Elly Schultz Weinand



1904 - 1992

Therezinha Leony Wolff¹

Elly Schultz Weinand nasceu em Porto União da Vitória, no dia 9 de agosto de 1904. Descendente de tradicional família pioneira da população, casou-se com o senhor Pedro Weinand, alemão, nascido em 1882. O casal teve dois filhos: José, nascido em 1922, e Maria Francisca, nascida em 1924.

Elly foi professora de datilografia, e Pedro professor de contabilidade. Entre os anos de 1928 e 1929 construíram uma bela residência, edificação eclética como um castelinho, contendo duas salas destinadas à realização das aulas. Numa época em que para ingressar no serviço público, para trabalhar num escritório ou escrever muitas laudas, era indispensável utilizar-se da máquina de escrever, em pouco tempo a residência abrigou uma Escola de Datilografia.

Muitos jovens e adultos foram alunos de Dona Elly, avaliados após três meses de aulas e demonstrando sua familiaridade com o teclado num teste escrito em tempo previsto. Sobre o mesmo ficava um pequeno suporte de madeira, vedando as letras, o que exigia concentração para a agilidade dos

¹ Membro fundador da Academia de Letras do Vale do Iguaçu-Alvi. Ocupante da Cadeira n° 20. Patrono Ivonich Furlani. Membro da Academia de Cultura e Expressão. Contista. Memorialista. Poeta. Autora de inúmeros livros, artigos, crônicas e poesias.

dedos. A máquina de escrever era manual: o papel para o texto era colocado no carroçõo, as fitas utilizadas para a impressão tinham as cores vermelha e preta e, no teste final, o aluno devia demonstrar habilidades para tais conhecimentos.

A professora Elly percorria a sala, observando os exercícios realizados em 12 máquinas, todas da marca Remington, atendendo à solicitação de cada aluno e cuidando da postura dos mesmos ao datilografar.

O casal criou seus filhos com ensinamentos que possibilitaram sua vida participativa junto à população de Porto União e de União da Vitória: José foi empresário e eleito vereador na Câmara de Porto União; e Maria Francisca professora, atuando como tal no Grupo Escolar Prof. Balduino Cardoso, Grupo Escolar Prof. Serapião e Escola de Comércio Cel. Davi Carneiro.

Dona Elly, sempre dotada de muitas prendas domésticas, cuidou com esmero de sua residência durante seu tempo de vida. Amante das plantas e dos animais, os cuidados para com o jardim da residência, da criação de galináceos e uma canina de nome Astréia eram de sua responsabilidade. Uma mulher corajosa, nunca esmoreceu frente aos ditames entristecedores que a vida lhe impôs. Com o falecimento de seu companheiro em 1952, de sua filha em 1978 e de seu filho em 1980, já com idade avançada, teve forças para continuar nos trabalhos da casa. Tendo por companhia sua querida Astréia, pode atender aos pedidos de algumas amigas, confeccionando seus deliciosos doces.

Aos 84 anos de uma vida que marcou com seus ensinamentos a população dessas duas cidades, a professora Elly completou sua jornada terrestre. Sua bela residência, hoje ao encargo do Município, tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Estadual de Santa Catarina., permite dar continuidade a diferentes trabalhos, concorrendo para o desenvolvimento cultural da população.

Erna Gohl

11/09/1954 – 20/08/2020

Maris Stela da Luz Stelmachuk¹



Fonte: Mariana Honesko

Erna Gohl nasceu em 11 de setembro de 1954. Filha de Clara Jüngermann e Guilherme Gohl Filho, marcou a história das cidades de União da Vitória, no Paraná e Porto União, em Santa Catarina, por seus conhecimentos e verdadeira paixão pela Astronomia. Seu currículo acadêmico é vasto. As informações aqui descritas foram cedidas por sua irmã Elfrida Gohl Drozda e por Rosicler Guérios Gohl, a quem muito agradeço. Outros dados foram pesquisados em noticiosos paranaenses.

Possui graduação em Habilitação Plena Em Matemática e Ciências, pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, hoje Campus União da Vitória da Unespar. Pela Universidade Estadual de Maringá realizou sua pós-graduação em Ensino de Química. Atuou como docente no curso de Química, curso que ajudou a fundar na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, e também junto ao Observatório Planetário Erna Gohl, este criado por ela em sua residência. Sua experiência na docência superior também constituiu-se como técnica de laboratório da Fafiu, professora de Química, com ênfase em Ensino de Química e Laboratório,

¹ Acadêmica ocupante da Cadeira 16 da Academia de Letras do Vale do Iguaçu (ALVI), cujo patrono é Alvir Riesemberg. Mestre e Doutora em Psicologia.

atuando principalmente nos seguintes temas: química, astronomia e planetário. Seu aperfeiçoamento na Astronomia enriqueceu-se ainda mais ao cursar Evolução Estelar e Astrofísica do Sistema Solar, ambos oferecidos pelo Observatório Nacional, instituto de pesquisa científica no Rio de Janeiro.

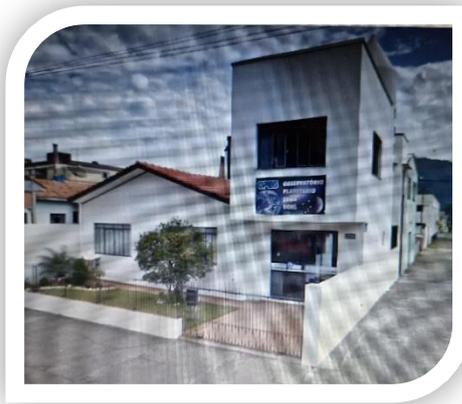
A professora Erna descobriu no Clube de Ciências, quando cursava o Ensino Médio, o amor pelo Universo. Mais tarde, já graduada, recebia estudantes, crianças e apaixonados pelos astros em sua casa, transformada em mais de 50% em planetário. Foi ali, em meio às lunetas, planetas e fotos de astronautas, que a professora viveu boa parte de seus dias. Conhecia e amava as estrelas, o infinito e sobretudo, sentia-se instigada pelo mistério do que há além, o que a levava a mais dedicação, estudo e pesquisa. Foi assim que a professora aprendeu muito ao deixar de olhar para o chão ou para o horizonte e, olhando cada vez mais para o alto, conheceu ainda mais a si mesma. Segundo suas palavras,

A Astronomia mostra a pequenez do ser humano e, ao mesmo tempo, como somos especiais por estarmos aqui. Não temos noção do tamanho, da grandeza do espaço. E nós estamos aqui, menores que grãos de areia. As vezes a gente acha a Terra tão grande. Quem se volta para a Astronomia são pessoas mais pacíficas, porque têm noção do quanto somos nada.

Em entrevista concedida a jornal local², Erna revela que, olhando para as estrelas, para o infinito, aprendeu cada vez mais a olhar para dentro de si.

Fig. 1 – Residência e observatório de Erna Gohl

² HONESKO, Mariana, jornalista. Disponível em: <<https://www.vvale.com.br/geral/morre-erna-gohl-professora-apaixonada-pelas-estrelas/>>. Acesso em: 21 ago. 2020.



Fonte: Programa Marcelo Storck³

A residência da professora Erna Gohl foi endereço conhecido por estudantes e por aqueles que, como ela, interessavam-se por Astronomia, pois ela montou em sua própria casa um planetário tridimensional, com capacidade para receber 25 pessoas. Para equipá-lo investiu recursos próprios e afirmava que esta dedicação e investimento valeram a pena: “Todo mundo que conhece o planetário gosta de olhar para o céu. Para as crianças, é ótimo, elas podem sonhar. De repente, ali mesmo, temos alguém que quer ser um astronauta, um físico. É algo que não está tão longe, só é preciso estudar”, pontuou em entrevista a jornal.⁴

A partir de 2003, abriu as portas de seu planetário para a rede municipal de ensino, cujos alunos o visitavam e dela recebiam informações e ensinamentos a respeito do tema. Aos poucos, o planetário foi tomando várias peças da casa, onde os estudantes e interessados podiam ver materiais que mostram desde a pré-história a paisagens lunares, podendo visualizar todos os lados da lua. No terraço, ela mantinha diferentes telescópios para visualizações a céu aberto.

Sua paixão eram o céu e seus astros, mas em sua casa e laboratório reservou também um lugar para a Terra, pois em uma das salas havia

³ Foto printada do Programa Marcelo Storck. Disponível em: <https://www.facebook.com/A2portal/videos/planet%C3%A1rio-de-uni%C3%A3o-da-vida-e-cidadania-est%C3%A1-para-fechar/139037250766771/?locale=ms_MY>. Acesso em: 15 fev. 2023.

⁴ Entrevista disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/resistencia-em-prol-da-astronomia-eat9mqnd2qa04xvmca268t3i/>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

exposição e aulas de Geologia, disciplina que a desafiou em seu tempo de estudante devido aos nomes difíceis que tinha que aprender nas aulas, segundo ela disse em entrevista a Marcelo Storck.

Em março de 2010 recebeu o Prêmio Troféu Mulheres de Ciência Glaci Zancan, concedido pela Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. O troféu fez parte das comemorações ao Dia Internacional da Mulher e tem como objetivo enaltecer e valorizar as cientistas e educadoras que contribuíram para o avanço da ciência, da tecnologia e participam do processo de estruturação e consolidação das instituições de ensino e de pesquisa paranaenses⁵.

Ao fim de sua vida, por questões de doença, precisou colocar seu imóvel à venda. Em sua vida entre a terra e o céu, a professora aprendeu muito ao deixar de olhar para o chão ou para o horizonte. Olhando cada vez mais para o alto, Erna conheceu a si mesma, diz a entrevistadora Mariana Honesko, do jornal Vvale. Talvez esta tenha sido a dimensão que lhe deu condições de tratar com humor a necessidade da venda de seu rico, científico e encantador espaço de moradia e de expansão para o Universo.

Seu falecimento foi em 20 de agosto de 2020. A quantos ela abriu portas e inspirou a ampliar o olhar e a vida com seu trabalho reconhecidamente científico e apaixonante? Só as estrelas o sabem. E por aqui, os que passaram por suas mãos e mente sonhadora, realizadora e brilhante podem nos contar o quanto sua alma os tocou? Certamente nos contarão com gratidão e com um sorriso dirigindo seus olhos para o céu.

Fig. 2 – Anotações sobre a família de Erna Gohl.

⁵ Disponível em: <<https://www.seti.pr.gov.br/Noticia/Trofeu-Mulheres-de-Ciencia-Glaci-Zancan-e-entregue-28-paranaenses>>. Acesso em: 05 fev. 2023.

Meus Pais:

Guilherme Gohl Filho X Lívia Jungermann

Filhos

Gertraudes Gohl	(da Silva)
Elfrida Gohl	(Drozda)
Francisco José Gohl	(Lottwein)
Erna Gohl	(Lottwein)

Augusto Gohl > Gêmeos (nasceu de poucos dias)

Guilherme Gohl Neto > Gêmeos (nasceu de poucos dias)

Ernesta Gohl > Filhada nos ~~20~~ ²⁰ anos (vovózinha)

Obs: Erna Gohl nasceu aos 24 dias do mês de julho do ano 1949 e faleceu no dia 08 de outubro de 1949.

Foi batizada dia 24 de agosto de 1949 (um mês paraguai (batizada) alguns meses depois de União Vitória PR pelo sacerdote Sr. Francisco Salache -

Erna Gohl - Violonista em 1976

Observatório Andromeda OAV 1992 (Presidente fundadora - Erna Gohl)

Fundadora do Observatório Planetário em União da Vitória - PR.

Nome do Planetário → OPEG - 2003

Em 1987 sandow publica facma de laboratório na FAFI UV / Unespar

Em 1976 foi fundadora e presidente do Clube de Ciências - Astronomia de União da Vitória - PR.

Fonte: Elfrida Gohl Drozda.

Herminia Silva Trentin

1920- 2021

Leni Trentin Gaspari¹



¹ Membro fundador da Alvi. Ocupante da Cadeira n° 19, Patronesse: Edy Santos da Costa. Membro efetivo do Centro de Letras do Paraná. Mestre pela Universidade de Ponta Grossa em Educação, História e Memória. Professora, pesquisadora e historiadora.

Hermínia nasceu em União da Vitória- Pr, aos nove dias do mês de janeiro de 1920. Filha de Joaquim Eugênio da Silva e Januária de Andrade Silva. Fazia parte de uma família numerosa, com oito filhos, quatro meninos e quatro meninas. Por ser a mais velha das meninas, muito cedo ela assumiu responsabilidades ajudando a mãe nas tarefas do lar e no cuidado aos irmãozinhos menores, sobrando pouco tempo para estudar.

Na década de 1930 era comum as meninas dedicarem-se às atividades domésticas junto às mães pelo excesso de trabalho que cabia à mulher numa época em que não existiam as comodidades que hoje temos em nossos lares, que facilitam o trabalho da mulher. Assim, as meninas estudavam por pouco tempo, apenas nas séries iniciais para aprender o básico para suas vidas como esposas e mães. Aos meninos era proporcionado um tempo maior na escola, porque a eles cabia na vida adulta administrar os bens da família e ser o provedor do lar.

Nessa conjuntura social a menina Hermínia, muito inteligente e observadora, cresceu e tornou-se uma mulher forte e determinada. Casou-se aos 16 anos com Hugo Lampert e pouco tempo depois ficou viúva com um filho de apenas seis meses. Mediante esse fato retornou à casa dos pais para poder trabalhar e criar seu filho Sebastião. Passados quatro anos da sua viuvez casou-se com Armando Trentin, que foi seu companheiro e amigo até o falecimento dele aos 92 anos; um casamento lindo com muito amor e companheirismo. Dessa união tiveram dois filhos: Leni e Sidney.

Hermínia sempre teve grande preocupação no sentido de que seus filhos estudassem; oportunizou aos três filhos apoio e incentivo para tal realização. No entanto, não aconteceu bem como ela desejou. Os meninos ainda jovens dedicaram-se ao comércio com o pai, mas a filha concretizou os desejos da mãe tornando-se professora, pesquisadora e historiadora.

Voltemos ao casamento de Hermínia com Armando em 1942. Ele era carpinteiro e, junto com seu pai Giuseppe Vespasiano Trentin, construíram muitas casas em União da Vitória e Porto União. Nesse período ela dedicou-se ao lar e ao cuidado com os filhos, mas seu temperamento de mulher

independente e sempre querendo aprender a motivava a realizar outras coisas também. Nas horas livres cultivava frutos e verduras no seu imenso quintal, para alimentar sua família com produtos naturais. Moravam numa casa com terreno grande e com espaço para ter plantações e animais: um galinheiro com muitas galinhas, o que rendia sempre ovos fresquinhos; uma vaca leiteira que fornecia o leite, coletado por ela mesma; criava também lindos porquinhos, que ao crescerem eram sacrificados para a família ter carne em abundância, banha, linguiça, torresmo e chouriço, tudo feito pelo casal com ajuda de um rapaz contratado para auxiliá-los.

Como era possível dar conta de tantas tarefas? Vale lembrar que tudo era feito em casa, do pão à banha; lavar as roupas branquinhas todas à mão, porque a máquina de lavar veio mais tarde; e muitas das roupas eram engomadas e passadas a ferro com brasas, antes do surgimento do ferro elétrico. Mulheres surpreendentes e de muita força viveram nesse período. Havia tempo para tudo!

Na década de 1950 o casal decidiu abrir uma pequena “casa de negócios”, na Rua Marechal Deodoro, Bairro Rio D’Areia, logo adiante da Madeireira Miguel Forte em União da Vitória, na própria casa de sua residência. Essa “casa de negócios” logo transformou-se num “armazém de secos e molhados”, tendo em vista que no bairro não havia nenhum, e as pessoas precisavam deslocar-se para o centro a fim de adquirir os gêneros de primeira necessidade. A partir desse momento podemos dizer que a história do casal inscreveu-se na formação do Bairro Rio D’Areia, pois com o *Armazém São José* foi possível atender melhor os moradores do bairro, mas também os colonos que vinham da zona rural vendendo seus produtos e em busca de outros que necessitavam para o seu viver cotidiano. Era comum a venda e troca de mercadorias, pois os colonos traziam hortaliças, manteiga, requeijão, ovos caipiras, feijão novo, latas de banha, carnes defumadas e outros itens.

Esse comércio era vantajoso tanto para os colonos quanto para os armazenistas, considerando que no mercado havia de tudo: alimentos diversos; frutas como a banana, por exemplo, a qual era vendida em cachos inteiros para as famílias; assim como pirulitos e balas que as famílias levavam para as crianças. Outros objetos de utilidade estavam à venda no armazém, tais como:

tamancos; peças de tecidos; louças; sapatos tipo botinas, úteis para trabalhar nas plantações ou nos currais atendendo os animais; chapéus; panelas; lampiões a querosene; bebidas como gasosas e capilé da fábrica do Sr. Manfroni; e tudo o mais que se possa imaginar para atender a clientela.

Qual o papel da dona Hermínia nesse empreendimento comercial? Ela era a principal peça da engrenagem nesse sistema. Era comerciante nata, que negociava como ninguém, explicando a todos os compradores a utilidade dos produtos; atendia a todos, sempre orientando os clientes em suas dúvidas, e dava dicas às mulheres para as compras de ordem feminina, como tecidos para vestidos, tecidos para roupas de cama, para cortinas, para camisas, pijamas, chinelos de retalhos de tecidos feitos por ela mesma com sua irmã Senira; e tudo mais. Costumava orientar os homens que muitas vezes vinham sem as esposas porque, como dizia ela, “se deixasse por conta dos homens eles comprariam peças inteiras do mesmo tecido e a casa teria de toalhas de mesa a cortinas e vestidos, tudo igual”. Ela era meticulosa e pensava em tudo. Antes dos clientes e fornecedores retornarem para a colônia oferecia-lhes sorvete ou picolés feitos por ela como cortesia da casa; não tinham como não voltar no mês seguinte para comprar com dona Hermínia e Sr. Armando.

Para os moradores do bairro, na sua maioria trabalhadores nas fábricas, vendiam seus produtos com acerto no final do mês, quando os clientes recebiam o pagamento. As compras eram anotadas nas famosas cadernetas, tão em evidência nos idos dos anos 1950. Generosos, compreendiam as dificuldades financeiras de alguns clientes, parcelando as dívidas, e até perdoando algumas, de famílias carentes. Suas ações foram recompensadas por Deus, com saúde e vida longa.

Com muito trabalho, comprometimento e união, o casal aumentou seu patrimônio e construiu, nos anos 1970, ao lado do antigo *Armazém São José*, um mercado com o mesmo nome, o qual era abastecido com vários produtos necessários às pessoas que ali chegavam. Registro aqui o dinamismo e a força da minha mãe, mulher batalhadora e guerreira e com menor grau de estudo que o marido, que se revelou excelente administradora no setor comercial; nada passava aos seus olhares atentos e inteligência aguçada.

Trabalharam no comércio por 45 anos aproximadamente. Aposentados, alugaram a parte inferior para loja e continuaram a residir na parte superior até o falecimento; ele em março do ano 2008, com 92 anos, e ela em setembro de 2021, com 101 anos. Viveram juntos por 65 anos compartilhados com amor, compreensão e companheirismo. Viúva, Hermínia nunca quis deixar o lugar onde viveu e trabalhou feliz, ao lado do seu companheiro. A família, querendo preservar parte da linda história desse casal, optou por doar os móveis do quarto deles para a Instituição Cultural do Castelinho, em Porto União, a fim de que as lembranças permaneçam no imaginário da comunidade.

Algumas considerações:

Hermínia foi uma mulher trabalhadora, guerreira e com muita vontade de aprender coisas novas. Atravessou um século vivenciando as mudanças ocorridas em sociedade e procurando adaptar-se a elas. Aceitou algumas... outras não, mas soube respeitar as opções de cada um. Perdeu dois filhos adultos, sofreu, mas levantou a cabeça e continuou firme como uma rocha. Foi exemplo de mulher, mãe, avó e bisá sempre pronta para ajudar e aconselhar a todos. Sua bisneta Fernanda relata o seguinte sobre a Bisá e seus conselhos:

“Você que escolhe o homem com quem vai se casar”. Ensino que a Bisá me deixou, mesmo tendo nascido em 1920, época extremamente patriarcal, em que os casamentos eram arranjados e as mulheres servas de seus esposos. A Bisá Hermínia sempre foi feminista sem saber seu conceito teórico; sabia o prático (senão o mais importante) e não cansava de contar sobre o seu casamento, a forma carinhosa com que o Bivô Armando a tratava e como dividiam os deveres familiares e profissionais. Incentivou os três filhos a estudarem, serem responsáveis, de caráter e honestidade. Eram os valores que até os 101 anos deixou claro serem os mais valiosos para ser uma pessoa de bem. Perguntava-me sempre que eu chegava em sua casa para o café: “Como estão os estudos? E o trabalho? Namorado? Ele te trata bem?”. A minha memória favorita dela é esta: a lucidez, a compreensão à frente do tempo e a preocupação que eu escolhesse alguém companheiro, carinhoso, trabalhador e de bem para estar comigo por toda a vida. Amor de vó, desejo que esteja bem onde estiver! Fica o amor, fica a saudade!

Complemento o texto acima com as reflexões de alguns netos:

Quando pensamos em alguém logo vem a nossa mente algo que representa essa pessoa para nós. Quando lembro da vó penso em força, determinação, vontade de viver e produzir. Ela foi uma mulher

adiante do seu tempo. Construiu ao lado do seu marido um lar afetuosos e juntos cresceram financeiramente para proporcionar bem-estar aos seus familiares. Estava sempre determinada a aprender; a modernidade com a tecnologia a encantava. Tento levar comigo a tua força, vovó, para conduzir a minha vida. (Márcia)

Hermínia: nome forte de uma mulher que deixou como legado o exemplo de uma postura sempre independente, determinada e corajosa. Mesmo sem estudar teorias sobre a sociedade patriarcal ou feminismo, ela foi uma grande feminista – e sequer se deu conta disso - sempre compartilhando decisões com os homens e inspirando as novas gerações da família. Sinto-me honrada e muito grata por ser sua neta, pois seus ensinamentos moldaram minhas escolhas na caminhada da vida. Obrigada, vizinha querida! (Rosângela)

Os meus avós coloriram minha infância. Eles tinham uma chácara onde convivi muito com eles e aprendi a amar e respeitar a natureza, buscava e explorava cada canto com curiosidade. Com o avô eu pescava, cavalgava, colhia pinhão e fazia sapecada à beira dos tanques. Com a avó eu ia na horta e no galinheiro pegar ovos e verduras. A melhor parte eram os lanches gostosos com os quais ela nos aguardava após um dia de grandes aventuras. Vovó colocava ordem na bagunça da criançada, nos mandava para o banho e dormir cedo. Muito sábia sempre, nos aconselhava para atitudes que nunca esqueci e que me ajudaram no aprendizado de família. Enriqueceram minha vida com valores eternos que me tornaram uma pessoa melhor. (Rodrigo)

Quando penso na vó Hermínia, a palavra que me vem à mente é: determinada! Ela sabia o que queria e por que queria. Sabia como fazer e por que fazer. Sabia o que era bom e, o que daria certo e por quê. Tinha muita força para o trabalho, para enfrentar os desafios e as dificuldades da vida; muita inteligência para respostas, soluções e para perguntas mesmo quando queríamos esconder algo. Nos conhecia pelo olhar e pela voz. Profissional à frente do seu tempo, mulher, irmã, esposa, avó, bisá e trisavó incansável, presente e querida. Minha avó apaixonante, geniosa, guerreira, religiosa.... para você cito Paulo de Tarso: “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé”. (Simone)

O ato de recordar determinadas situações da nossa vida traz à tona inúmeras lembranças permeadas de emoções do que foi ontem e o que ficou desse ontem em nossa vida. Escrever sobre minha progenitora foi um desafio que nos propusemos a fazer reconstruindo experiências, embora tomada por forte emoção no ato de narrar. Estamos orgulhosos pelo fato do nome da minha mãe ser incluído no “Memorial Mulher” junto aos nomes de outras mulheres guerreiras que fizeram parte da história das nossas cidades. Essa homenagem faz com que as memórias não se percam e dá visibilidade aos

diversos papéis que as mulheres vêm desempenhando na sociedade e muitas vezes ficam no esquecimento.

Hulda Elza Bertholda Liegel

1911- 1986

Leni Trentin Gaspari¹



Hulda, ou Dona Huldinha, como eu gostava de chamá-la, foi uma amiga muito querida. Pensar e escrever sobre ela me emociona, pois foram tantos os momentos em que convivemos e que partilhamos ideias e pensamentos. Pessoa admirável pela qual tive grande afeição e carinho, pelo modo como ela se portava diante da vida. Conhecemo-nos na Escola Normal Professora Amasília², quando ela foi minha professora, no início dos anos 1960.

Exigente, ensinava às futuras professoras todos os conteúdos adequados e pertinentes a uma normalista no exercício do magistério junto às crianças na área de Língua Portuguesa. Com ela aprendemos o gosto pela leitura e o gosto pela escrita, pois as redações eram constantes e também o emprego correto das normas gramaticais. Ah... e não posso esquecer da exigência com a letra bonita, pois “professora precisa escrever corretamente e com capricho”, assim dizia ela.

À época ela ocupava também o cargo de secretária da Escola Normal e estava sempre atenta na saída das aulas para ver se as meninas não iam conversar com os namorados que as esperavam na Praça Coronel Amazonas. Aí ela ficava

¹ Membro fundador da Alvi. Ocupante da cadeira nº 19. Patronesse: Edy Santos da Costa. Mestre em Educação, História e Memória. Membro do Centro de Letras do Paraná, pesquisadora e historiadora.

² Em alguns documentos Amasília aparece com z, mas em documentos assinados por ela seu nome consta com s. Optamos por mantê-lo assim.

muito zangada e prometia advertência por escrito. A "encrenca" era por não ser permitido conversar com rapazes estando com o uniforme. Outros tempos....

Ao conhecer meu marido tive a grata surpresa de reencontrá-la na casa dele, pois ela era grande amiga da minha futura sogra. Assim, continuamos nossa amizade. D. Huldinha, sempre generosa, tranquila e pronta para nos ajudar. Foi uma amizade que durou até o seu falecimento e deixou muitas saudades.

Indiquei seu nome na Academia de Letras do Vale do Iguaçu, o qual foi aprovado para integrar o "Memorial das Mulher"³ em Porto União, no ano de 2023, por acreditar que a história dela esteve mesclada com a história de muitas pessoas destas cidades, e aqui estou escrevendo sobre ela pela amizade que nos ligava.

Hulda era filha do casal Rodolfo Liegel e Eleonora Liegel. Nasceu em 01/01/1911 e faleceu em 16/12/1986, em Porto União. Hulda foi uma mulher que se dedicou por muitos anos aos familiares. Muito cedo perdeu o pai, conforme depoimento do seu sobrinho Imar Rocha: "Mulher extraordinária. Com 17 ou 18 anos faleceu o seu pai e ela passou a lecionar para sustentar os 7 irmãos e sua mãe". Foi uma filha e irmã dedicada, cuidando de todos com muito carinho e compreensão. Seus irmãos cresceram sob sua orientação e cuidados, e quando encaminhou os irmãos vieram os sobrinhos do interior, filhos de suas irmãs Bertholda e Ilze.

Segundo sua sobrinha Ruth, "ela foi a melhor amiga de sua irmã e ajudou a criar seus sobrinhos. A preocupação dela era que eles fossem responsáveis com os estudos, sempre afirmando que o que aprendemos é para sempre". Assim, Hulda continuou lecionando de manhã, à tarde e à noite para dar conta de mais esse compromisso que ela assumira com amor. Com seu trabalho, foi possível manter os sobrinhos estudando e se preparando para a vida adulta. Eles foram os filhos que a vida lhe deu, visto que ela não se casou, por opção ou por não ter tido tempo para dedicar-se a um relacionamento dessa natureza.

Sobre sua vida de professora, consegui algumas informações documentais no Grupo Escolar "Professor Serapião", espaço no qual ela iniciou sua carreira no magistério junto às crianças. De acordo com o Livro de Promessa Legal, da Escola,

³ "Memorial da Mulher" trata-se de um Projeto da Prefeitura Municipal de Porto União e da Academia de Letras do Vale do Iguaçu, para homenagear mulheres falecidas das Gêmeas do Iguaçu e que registraram histórias.

ela assinou o Termo de Promessa⁴ nesse educandário em 19 de dezembro de 1928. O Termo consta conforme transcrevo na íntegra a seguir:

Promessa legal prestada pela professora do Grupo Escolar “Professor Serapião” senhora Hulda Liegel

Aos dezenove dias do mês de dezembro de mil novecentos e vinte e oito, nesta cidade de União da Victoria, no edifício do Grupo Escolar, perante o respectivo diretor, tomou posse do cargo de professora do estabelecimento a senhora Hulda Liegel, para cujo cargo, foi nomeada por Decreto n.1661, de 28 de setembro do corrente anno, que proferiu a seguinte promessa legal: - “Prometto respeitar as leis da República e deste Estado, instrução publica do Paraná e cumprir com muito zelo, dedicação e patriotismo”. E eu Amasilia Pinto de Araújo, servindo de secretaria, por designação do senhor diretor, lavrei o presente termo de promessa legal, que commigo assignam a nomeada e o diretor desta escola.

Assinaturas de: Amasilia Pinto de Araújo - Secretária; Hulda Liegel - professora nomeada e Tancredo Martins de Oliveira - Diretor

O documento mostra que à época o momento da posse da professora era acompanhado por um juramento de fidelidade, patriotismo e muita seriedade na profissão que abraçava. A professora Hulda cumpriu muito bem essa promessa, pois foi uma pessoa que abraçou sua profissão com muita dedicação.

Analisando alguns livros de atas do período em que ela trabalhou na mencionada escola observamos sua dedicação e comprometimento com o ensino e aprendizado das crianças. Consta que por vezes ela preparou aulas e metodologias para apresentar às colegas nas reuniões mensais, conforme era costume da época, na escola. Em 1955 ela foi encarregada do atendimento da farmácia escolar, para atender os pequenos em eventuais necessidades e em janeiro de 1958 foi designada para atender a biblioteca da escola. Função bem adequada para ela, que amava tanto os livros, como escreveu seu sobrinho Imar: “Era apaixonada pela leitura. Adquiria muitos livros e incentivou os sobrinhos à leitura. Escrevia muito bem, era procurada para elaborar discursos, o que fazia com maestria”.

⁴ O Termo de Promessa era feito também com as pessoas de outras profissões ao serem nomeadas e tomarem posse em cargos municipais ou estaduais, em União da Vitória, conforme constatamos em nossas pesquisas.

Acredito que ela se aposentou em 1958, porque em 1959 ela já não aparece mais nos livros de atas da escola. Com efeito, completava 30 anos de Magistério. Mas sobre suas atividades de educadora temos mais a relatar, pois sendo culta e respeitada, os pais a contratavam para preparar os filhos que teriam que prestar os famosos “Exames de Admissão”, para entrar na primeira série ginásial. Essa atividade ela exercia em sua própria residência em União da Vitória. Por ser ótima professora em todas as áreas e exigente, seus alunos sempre eram bem-sucedidos nos referidos exames. Viveu sempre na simplicidade que lhe era peculiar, amando a família, os alunos e os amigos. Agora seu nome brilhará no “Memorial da Mulher”, fazendo parte da história das mulheres de Porto União e União da Vitória.

Referências

MELO JUNIOR, Cordovan Frederico de. **União da Vitória: Nossa Escola - Nossa História**. Porto União: UNIPORTO, 1990. Coleção Vale do Iguaçu, nº 60.

GRUPO ESCOLAR Professor Serapião. **Livros de Atas 1928- 1958**. União da Vitória, Paraná.

_____. **Livro Promessa Legal prestada pelas professoras**. 1928-1958, p. 2.

ROCHA, Imar. Tia Hulda. **Depoimento escrito**. Porto União-SC, jan. 2023.

ROCHA, Rutilde. Tia Hulda. **Depoimento escrito**. Porto União-SC, jan. 2023.

OFÍCIO DE REGISTRO CIVIL. **Certidão de Óbito**. Porto União-SC, jan. 2023.

Iria Zainko Berejuk¹

26/10/1938 – 12/01/2019

Maris Stela da Luz Stelmachuk²

Iria Zainko Berejuk nasceu na cidade de Mallet, Estado do Paraná, no dia 26 de outubro de 1938. Formou-se no Magistério, tendo ido lecionar em Paula Freitas, mas não tendo se identificado com esta profissão percebeu que seu negócio era o balcão, como seu pai. Iria casou-se com João Berejuk e o casal teve dois filhos, Paulo e Ana Maria.

Conhecida comerciante, Iria contou a história da Livraria e Papelaria Gisa, a qual fora comprada por ela e seu marido, no ano de 1961. Este estabelecimento pertencia ao senhor José de Arimatéia Cleto, que o herdara de seu pai. Na época da entrevista, 2011, a loja já tinha mais de 100 anos, contava ela, e a pretensão era encerrar as atividades no ano seguinte. Ela contou que não houve inauguração da loja, mas apenas troca de proprietários que, já cansados, depois de 50 anos de trabalho, resolveram vender. Sobre a freguesia, já estava formada, pois continuaram o trabalho que já existia. Ao assumir a loja, não fez mudanças, mas apenas seguiu o modelo que já estava em funcionamento.

Sobre as mudanças que foram ocorrendo na cidade ao longo dos anos de trabalho que foram se passando, ela disse que acompanharam a evolução,

¹ A primeira parte deste texto foi construída a partir de entrevista concedida a Fernanda Helena Teixeira, Lucinéia Antunes, Maria Cristina Kliemann de Lara, Paula Daiane Viana e Priscila Lazier, acadêmicas de Psicologia da Universidade do Contestado, Campus Porto União, em 2011, como parte de um trabalho sobre comerciantes que permaneciam exercendo suas atividades em seus estabelecimentos comerciais desde o início de suas carreiras. Este trabalho fazia parte da disciplina Psicologia do Desenvolvimento III, que aborda meia idade, velhice e morte e é ministrada por mim, Maris Stela da Luz Stelmachuk.

² Membro da Academia de Letras de União da Vitória – Alvi. Ocupa a cadeira nº 16, cujo patrono é Alvir Riesemberg. Mestre e Doutora em Psicologia. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Modos de Vida, Família e Relações de Gênero (MARGENS) da Universidade Federal de Santa Catarina. Líder do grupo de pesquisa "Constituição do sujeito na contemporaneidade", da Universidade do Contestado, Campus Porto União, SC. Presidente do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Psicologia do Campus Porto União, da Universidade do Contestado. Professora, orientadora de trabalhos de conclusão de curso e supervisora de estágio em Psicologia Clínica e Psicologia Escolar pela Universidade do Contestado.

mas que a cidade continuou pobre, com poucas indústrias, sendo que algumas das que existiam foram fechando, sobretudo as madeireiras. Quanto a novas indústrias, achava que era difícil se fixarem, por falta de um plano político que as atraísse. Não se pensava no futuro, segundo ela, e os jovens tinham que sair de uma cidade que não crescia e pouco lhes oferecia.

Na época da entrevista, o trabalho na papelaria era feito por ela e pelo marido, além de uma funcionária, excelente, que fazia tudo, era pau pra toda obra, segundo suas palavras. Mas contou que já tiveram um total de oito funcionários, até que veio a tecnologia e a loja não acompanhou esta modificação. Passaram a vender cadernos, papel, e ficaram neste segmento.

Há 30 anos, porém, no que era uma residência no andar superior ao prédio da loja, passou a funcionar uma loja de roupas para festa, a Noiva Modas Gisa. A princípio, vendia essas roupas, mas depois passou a ser uma locadora de roupas caras, vestidos de noiva e, posteriormente, roupa social para todas as idades. Nesta loja mantinha quatro funcionárias de alta costura para costurar e fazer ajustes nas roupas alugadas.

Para Iria, a loja era sua vida, tal a importância e o gosto que tinha pela vida de vendedora. Ela relatou que só se fica tanto tempo em uma única atividade se gostar muito do ramo. Por causa do comércio, aprendeu a falar e escrever em polonês e ucraniano, duas etnias fortes na cidade, para se entender com os clientes: *“Eu gosto porque eu nasci atrás do balcão, eu já venho vindo desde a casa dos meus pais. Eu era pequenininha e já estava vendendo”*, relatou Iria.

Seus planos eram de trabalhar até completar 50 anos de idade, mas continuou até passar dos 70. Percebeu que não podia parar, pois o trabalho era como cachaça, dizia ela, vicia; e não se via dentro de casa depois de ter passado tanto tempo conversando diariamente com pessoas, aprender com elas, trocar ideias.

Mesmo assim, além de suas atividades na loja, Iria dedicou-se à vida doméstica: *“Eu sou dona de casa, eu sou cozinheira, modéstia à parte, excelente cozinheira”*. Gostava de viajar e conheceu a Europa. Ia todos os anos aos Estados Unidos visitar seu filho que lá morava, para estar junto com seus netos e com a família toda.

Falando de seu tempo no balcão da papelaria, disse que deu muito de si, que atendeu tantas pessoas, vendendo cadernos para escolares que, mais tarde, formaram-se em profissões as mais diversas; alguns tornaram-se médicos, ela lembra, e sente que isso foi muito bom para si.

Seu gosto pelo trabalho é tal que, se tivesse que recomeçar, faria-o da mesma forma como fora, e faria isso com muito amor. Ao falar isso, sorria. Sobre que conselho daria a quem está começando sua vida no comércio ela respondeu: *“Trabalhe muito, atenda bem e por amor, amor ao trabalho. Eu me formei professora, fui dar aula em Paula Freitas, né, mas vi que não era aquilo, não, era aqui, balcão mesmo”*.

Dona Iria era proprietária de uma papelaria em notável e tradicional edificação, que foi destruída para dar lugar a mais uma construção moderna e sem personalidade. Personalidade foi uma forte marca que sempre destacou a papelaria Gisa, com seu assoalho de madeira, com seus balcões também de madeira e tampos de vidro, por onde se viam os produtos que vendia. Eram figurinhas decorativas, lápis de cor, material escolar e todo tipo de armarinho que encantavam e faziam brilhar nossos olhos e bater o coração.

Os materiais mais sofisticados, como canetas tinteiro e a nanquim, eram vendidos em lugar separado da ala mais comum. Nesta, vendiam-se cadernos e material de escritório, como blocos de recibo, clips, livros-caixa, etc. Os papéis em metro para encapar cadernos, etiquetas para identificação dos alunos, canetas esferográficas, lápis, borrachas, régua, apontadores de lápis eram vendidos em ala contígua à do material de escritório. Em outra ala da loja, charmosas vitrines continham variados e finos adornos para realce da beleza feminina. Eram tiaras, pulseiras, luvas de organdi e rendas, inúmeras peças que eram um sonho para qualquer moça que lá adentrasse, mas também para dar mais solenidade aos trajes de meninas em sua Primeira Comunhão e daminhas de casamento. Valia a pena entrar somente para ver estas belezas que alegravam os olhos e faziam sonhar com dias especiais.

Fig. 1 – Livraria e Papelaria Gisa



Fonte: <<http://blogdogiesbrecht.blogspot.com/2011/09/visoes-de-porto-uniao-da-vitoria.html>>.

Dona Iria e sua papelaria foram marcantes nas cidades de União da Vitória e Porto União, sempre à frente de seus negócios que funcionaram por mais de 50 anos em especial e linda edificação, bem ao lado da ferrovia, primeira casa da rua Siqueira Cortes, em União da Vitória, Paraná.

Com seus negócios preparou gerações para a escola, para o trabalho e para as festas. Para a escola, com sua papelaria sempre sortida com materiais que estimulavam a compra pela utilidade e pelo encanto que despertavam. Loja bem administrada, equipou muitos e muitos escritórios com itens de uso diário para a consecução do trabalho burocrático.

Mas o encanto mesmo acontecia quando se adentravam as portas em arco, circundadas por tijolinhos à vista que davam acesso às duas vitrines, uma de frente para a outra logo na entrada. Eram vitrines mágicas, que nos transportavam para dias especiais, como a honra de ser dama de um casamento, adornos para vestir meninas para Primeira Comunhão e para noivas em seus casamentos. Também as madrinhas encontravam finos adereços para compor seu *look*. Adentrar as portas da Livraria Gisa sempre era momento de alegria para os olhos.

Em seus últimos anos de vida, Iria intensificou sua prática filantrópica, contribuindo com entidades de cuidados a idosos, como o Lar de Nazaré. Anteriormente participava ativamente, juntamente com seu esposo, de atividades da Paróquia São Basílio Magno, em União da Vitória. A culinária ucraniana, com o famoso e apreciado perohê e outras iguarias, quando das

festas e promoções desta Paróquia estiveram sob a coordenação de Iria, nos anos de 2005 e 2006³.

Seu falecimento aconteceu em 12 de janeiro de 2019. Agradecemos, D. Iria, por ter contemplado nossas cidades e região com tão encantadora loja por tantos e tantos anos. Sua passagem por aqui sempre será lembrada.

Fig. 2 – Iria Zainko Berejuk e seu marido João.



Fonte: Fernanda Helena Teixeira, Lucinéia Antunes, Maria Cristina Kliemann de Lara, Paula Daiane Viana e Priscila Lazier, acadêmicas de Psicologia da Universidade do Contestado, Campus Porto União, em 2011.

³ Informações cedidas por Marcos Leão, amigo da família, advogado e conhecedor da história local e regional, e Lea Massignan Berejuk.

JANDIRA CAPRIGLIONI DOMIT

Roseli B. Klein¹



Jandira Capriglioni Domit foi professora e diretora do Colégio Professor Balduino Cardoso no município de Porto União (SC). Segundo registros dessa escola ela lecionou entre os anos de 1932 a 1943 no Curso Complementar Primário. Entre estes anos ministrou as disciplinas de Geografia, Ciências Físicas e Naturais, Agricultura, Desenho e Trabalhos (trabalhos manuais). No ano de 1944 assumiu a função de Diretora deste estabelecimento de ensino, função que exerceu até o ano de

1957. No seu primeiro ano como Diretora do Grupo Escolar Professor Balduino Cardoso (nomenclatura utilizada naquele período) recebeu um elogio do Inspetor Estadual de Ensino, o professor Germano Wagenführ, o qual referiu-se à professora da seguinte forma: “A senhora diretora Jandira Capriglione Domit ultrapassou das minhas expectativas, quer seja quanto à orientação pedagógica, quer quanto à administrativa, pois já posso classificá-la entre as boas Diretoras dos Grupos Escolares” (Germano

¹ Membro da Academia de Letras do Vale do Iguaçu (Alvi). Ocupante da cadeira nº 38. Patrono: Estevão Juk. Professora Doutora em Educação, docente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de União da Vitória. Integrante do Núcleo de Catalogação, Estudos e Pesquisas em História da Educação (NUCATHE). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educativa – (GEPPRAX).

Wagenführ, Inspetor de Grupos Escolares e Cursos Complementares. Porto União, 19 de fevereiro de 1944 – Ata de Inspeções Pedagógicas, 1940-1953, p. 29).

Mesmo exercendo a função de Diretora ainda continuou lecionando no Curso Complementar Primário (2º ano). Nos afazeres do seu cotidiano escolar enfrentou muitos desafios e superou os enfrentamentos diários com muita dedicação e compromisso. Entre os anos que esteve na direção dessa escola, coordenou pedagógica e administrativamente muitas ações, entre elas as que se referem ao Curso Primário (4 séries) e Curso Complementar Primário (2 séries).

A escola passava por inspeções escolares regulares, quando o inspetor estadual permanecia por longos dias verificando aspectos pedagógicos, documentais, físicos e administrativos. Nesse período a disciplina dos alunos deveria ser orientada com bastante rigor, as aulas das professoras eram assistidas pelo inspetor e o mesmo sugeria mudanças se necessário. Primava-se pela ordem do estabelecimento e asseio, destacava-se a importância do ensino da linguagem escrita e oral, ordem nos cadernos escolares (cadernos de sala de aula, cadernos de casa e de caligrafia), verificavam-se os livros de chamada, os registros de plano de ensino, as aulas de Educação Física, entre outros.

Além disso, a Diretora Jandira Capriglioni Domit tinha sob seu comando as Associações Escolares existentes na década de 1940 no interior das escolas: Liga Pró-Língua Nacional, Biblioteca, Clube de Leitura, Pelotão da Saúde, Clube Agrícola, Jornal, Museu, Caixa Escolar, Associação Desportiva e Sopa Escolar. No ano de 1946, a escola dirigida por ela tinha 590 alunos matriculados. Ainda sob sua direção estava o Curso Normal Regional, com 3 séries (criado aproximadamente no ano de 1947).

Jandira Capriglioni Domit exerceu com maestria a sua profissão docente até o ano de sua aposentadoria (1957) e muito contribuiu para a educação dos jovens de Porto União (SC).

JASMINA EDITH SANTOS

1914-1971



Leni Trentin Gaspari¹

Desirê Santos da Costa²

Elair dos Santos Schuartz³

São autoras desta biografia a Sra. Elair Santos Schuartz, filha da Edith Santos, e sua neta Desirê Santos da Costa, poetisa e escritora. Filha e neta aceitaram registrar suas memórias a respeito da sua mãe e avó. Agradecemos pelo texto e pelas fotos que nos enviaram. A Alvi e a Prefeitura Municipal sentem-se honradas em tornar essa história parte do Memorial da Mulher em Porto União, na “Praça da Mulher”.

Transcrevemos na íntegra o texto das autoras:

Vamos descrever uma mulher muito especial, a começar pelo nome: Jasmina Edith Santos. Ela não gostava do primeiro nome, e sempre respondeu como Edith; fato curioso, pois é possível que só a família o soubesse.

Nasceu em Porto União, no dia 14 de outubro de 1914. Filha de Antônio Wolff (filho de José e Ana Wolff, ambos nascidos na Áustria) e Paulina Della Barba (filha de João e Alexandrina Della Barba, nascidos na Itália).

Casou-se aos 16 anos com Arthur Josin Santos, proprietário da movimentada Farmácia Santa Terezinha, que permanece até nossos dias no mesmo lugar e com o mesmo nome.

Teve duas filhas, Edy Santos da Costa e Elair Santos Schuartz.

¹ Membro fundador da Alvi (Academia de Letras do Vale do Iguaçu). Ocupante da Cadeira nº 19.

Patronesse: Profa. Edy Santos da Costa.

² Desirê é poetisa e escritora. Neta da Sra. Jasmina Edith dos Santos.

³ Elair Santos da Schuartz é filha da biografada.

Aos 17 anos começou a trabalhar com o marido na farmácia, até 1971, quando veio a falecer. Foram 40 anos de absoluta dedicação.

Amava sua profissão, exercendo-a sempre com respeito, gentileza e empatia, fosse com seus funcionários ou clientes. Contam os mais antigos que todos queriam tomar injeção com ela, pois se sentiam amparados e seguros com sua conduta.

Era perfeccionista em tudo o que fazia, desde a embalagem para um presente até a confecção de suas costuras que tinha como hobby pessoal. Mulher bonita e vaidosa, que mesmo atrás do balcão estava sempre maquiada e com seu impecável coque.

Era de um temperamento calmo, semblante risonho, discreta e romântica. Tocava violão, gostava de poesias e com seu aguçado senso estético compôs algumas. Outra característica marcante era sua persistência diante de um objetivo, jamais desistia.

Faleceu em Curitiba em 21 de abril de 1971, vítima de complicações hepáticas.

Lair Grein Silva

Maris Stela da Luz Stelmachuk¹



Lair Grein Silva nasceu em 24 de novembro de 1918, na cidade de Rio Negro, Estado do Paraná. Era a sexta filha de Benjamin e Maria Joana Saboia Grein. Quando tinha 20 anos conheceu seu futuro marido, Alcides Silva, com quem se casou. Estudante ainda na cidade de Curitiba, Alcides era colega de faculdade de um primo de Lair, e este o convidou para ir até Rio Negro para um baile. Neste baile, o casal se conheceu, e em 1939 casaram-se. O casal teve quatro filhos, Cleusa Maria Silva Nunes, Maria Eloísa Silva Abrão, Alcides Francisco de Grein Silva e Regina Lúcia Silva Mayer, que cedeu as informações para a elaboração deste memorial.

Dona Lair teve nove netos: Alcides Antônio Silva Nunes, Cleuma Maria Nunes Westephal, Manoel Francisco Silva Nunes, Eduardo Silva Nunes, Vânia Maria Silva Abrão, Jackson Silva Abrão, Heloísa Regina Silva Abrão, Fábio Silva Mayer e Rodrigo Silva Mayer.

¹ Membro da Academia de Letras de União da Vitória – Alvi. Ocupa a cadeira nº 16, cujo patrono é Alvir Riesemberg. Mestre e Doutora em Psicologia. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Modos de Vida, Família e Relações de Gênero (MARGENS) da Universidade Federal de Santa Catarina. Líder do grupo de pesquisa "Constituição do sujeito na contemporaneidade", da Universidade do Contestado, Campus Porto União, SC. Presidente do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Psicologia do Campus Porto União, da Universidade do Contestado. Professora, orientadora de trabalhos de conclusão de curso e supervisora de estágio em Psicologia Clínica e Psicologia Escolar pela Universidade do Contestado.

Seus bisnetos são: Cesar Nunes, Daniel Nunes, Artur Nunes Westephal, Carin Nunes Westephal, Larissa Nunes Westephal, Marauê Pinheiro Nunes, Cauã Pinheiro Nunes, Aruan Nunes, Naoel Nunes, Violeta Nunes, Theodora Burmeister Abrão, Isabela Noronha Mayer, Martina Pienaro Mayer e Gabriel Noronha Mayer.

Dona Lair chegou a conhecer ainda um trineto, Iury Westephal.

Como mãe e dona de casa, D. Lair foi primorosa, tendo se dedicado com desvelo às atividades domésticas, principalmente à culinária. Seu precioso livro de receitas era muito bem cuidado e foi conservado pelas filhas que, postumamente o imprimiram, como homenagem ao centésimo ano de seu nascimento.

Foto 1: Regina, Maria Eloísa, Cleusa, Lair.



Como pessoa e mãe deixou aos filhos exemplos de honradez, honestidade, lealdade e religiosidade. Para ela, estes princípios representam a verdadeira essência da vida, e legou aos filhos a missão de transmiti-los à sociedade.

Gostava de passear em Dorizon, Paraná, para onde levava os filhos, mas também ia bem mais longe, como ao Rio de Janeiro, onde uma de suas filhas morava. Ousada, foi para a Europa com uma prima, em um tempo em que mulheres não costumavam sair para tão longe sem o marido e família. Também viajou ao Canadá com sua filha em visita a um neto. Tinha o gosto pela leitura e estava sempre lendo, desde clássicos como Tolstói e

Dostoiiewski, como também a Coleção das Moças, obras direcionadas às mulheres da época.

Frequentemente reunia-se com a família, tanto a sua como a de seu marido, para um chá e conversas. Valorizava muito esses encontros e fez-se presente neles até quando sua saúde permitiu.

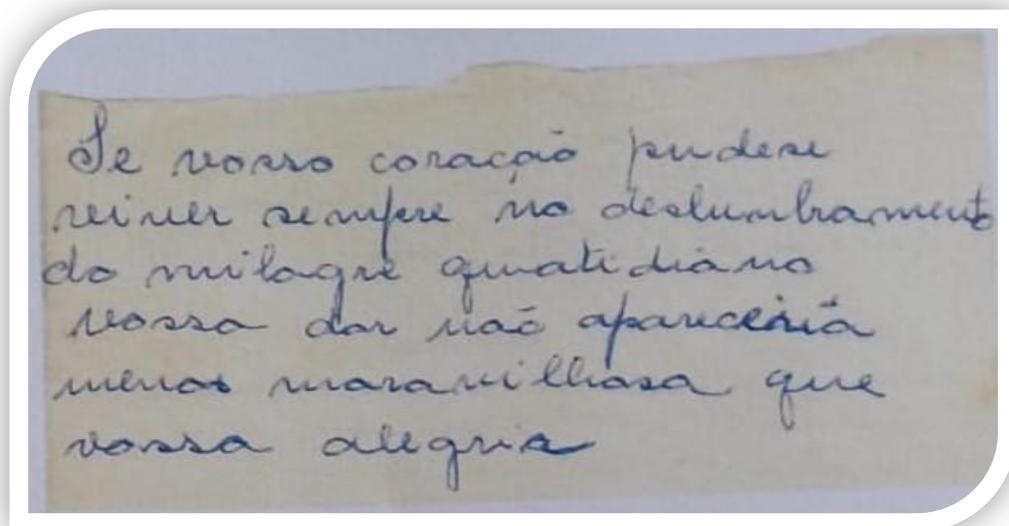
Além de sua dedicação à família Dona Lair dedicou-se também à beneficência, tendo sido a primeira presidente da Rede Feminina de Combate ao Câncer, em União da Vitória, no período de 1966 a 1969. Participou de inúmeros trabalhos filantrópicos e humanitários, principalmente a Associação de Proteção à Maternidade e à Infância (APMI), também em União da Vitória.

Em um tempo em que não existia a estrutura de saúde pública atual, ou seja, quando ainda não existiam serviços de emergência acessíveis, muitas vezes, para serem socorridas, as pessoas iam à casa de um médico em busca de cuidados à sua saúde. Para isso, já havia na casa de Dona Lair e Dr. Alcides um portão e uma porta, para este acesso. Dona Lair, não poucas vezes, acolheu quem vinha até a casa da família em busca de ajuda. Conta Regina que sua mãe nunca se importou com esta “invasão”, pois achava normal e entendia que em casa de médico era assim; e ela, como sua esposa, tinha também o papel de acolher estas pessoas, o que fazia prontamente e com boa vontade.

Dona Lair deixou esta vida em 17 de setembro de 2009.

União da Vitória e Porto União agradecem sua passagem por aqui, trazendo para nosso meio uma família conhecida por sua distinção e bons princípios. Para a sociedade, trouxe importante contribuição, com sublimes cuidados para os recém-nascidos e suas mães, com a Maternidade que ajudou a fundar e para mulheres enfermas o conforto e a rede de apoio de que tanto necessitam em momentos difíceis da vida.

Termino este memorial com palavras de Gibran Khalil Gibran, escritas de próprio punho por Dona Lair, minha querida madrinha de batismo:



“Se vosso coração pudesse reviver sempre no deslumbramento do milagre quotidiano, vossa dor não apareceria menos maravilhosa que vossa alegria.”

Maria de Jesus Araújo Ribas

(Dona Cotinha)

18/03/1915

Karim Siebeneicher Brito¹

Natural de União da Vitória-PR, a Professora Maria de Jesus Araújo Ribas, conhecida como Dona Cotinha, nasceu também filha de professora. Sua mãe, Amasilia Costa Pinto Araújo, também contribuiu grandemente para a educação em nossas cidades.

Casou-se com Nabor Guimarães Ribas, agente fiscal do Estado do Paraná, e tiveram uma filha, chamada Tereza Cristina.

Cotinha dedicou sua vida profissional, em especial, à comunidade da Escola Estadual Professor Serapião – Ensino de 1º grau, onde também foi aluna quando criança. Quando recém-inaugurada em 1913, então chamada Casa Escolar, contendo quatro salas de aula, recebeu inicialmente os alunos de sua mãe, Professora Amasilia, ainda no primeiro prédio, situado à Praça Prudente de Brito, em Porto União. Em 1917 o Grupo Escolar passou a ocupar seu endereço atual no centro de União da Vitória.

Durante o período marcado pela Segunda Guerra Mundial, União da Vitória contava com uma filial da Cruz Vermelha. Esta passou a ofertar cursos de socorrista voluntário para mulheres, e Cotinha disponibilizou um pouco do seu tempo também para isso, na disposição de ajudar a quem precisasse. Formou-se como socorrista no ano de 1943, quando era presidente da Cruz Vermelha Brasileira o Dr. Alcides Silva, e diretor da escola o Dr. Alvir Riesemberg. Juntamente com ela naquele ano, formaram-se também Marina

¹ Membro da Alvi (Academia de Letras do Vale do Iguaçu), ocupante da cadeira nº 15, cujo Patrono é o Sr. Ari Milis. Mestre e Doutora em Letras pela Universidade Federal do Paraná, com ênfase na pesquisa sobre o plurilinguismo. Professora aposentada do Curso de Letras – Português e Inglês da Unespar, campus de União da Vitória.

Marés de Souza, que hoje empresta o nome à escola estadual em Paula Freitas, e Lair Grein Silva, que passou ao voluntariado pioneiro da Rede Feminina de Combate ao Câncer. O grupo de voluntárias dispostas aos primeiros socorros adotou o nome de Samaritanas Socorristas (WOLFF, 2006).

Além de professora, Cotinha foi diretora do Grupo Escolar entre os anos 1954 e 1965.

Há mais de 50 anos, espera-se que muitas coisas fossem diferentes de hoje, no contexto escolar. Ainda no início desse período, por exemplo, as provas a serem aplicadas aos alunos vinham de Curitiba, bem com as instruções para a sua aplicação. Antes das provas, as professoras regentes elaboravam questões e realizavam sabatinas.

Pela leitura das atas das reuniões escolares durante o tempo em que Dona Cotinha foi diretora do grupo escolar, percebe-se, também, que as ocupações de professores e diretores, mesmo há tanto tempo, também envolviam diversas atividades extraclasse na promoção do bem-estar dos alunos e na manutenção da escola. Realizavam-se maratonas intelectuais e criou-se o “Pelotão da Saúde”, inclusive com bandeira própria. Promoviam-se bingos dançantes, em benefício do caixa escolar. Foi criado também um grêmio literário, com o objetivo de incentivar a socialização das crianças, realizando-se mensalmente com elas uma reunião literomusical. Promoviam-se intercâmbios escolares entre alunos de diferentes escolas, realizados através de cartas. Os alunos que necessitassem, recebiam da escola, já então, uniformes escolares, que na época eram chamados guarda-pós.

A cada reunião do corpo docente, realizada mensalmente, em que se tratava de todos os assuntos referentes à vida escolar, alguns professores eram sorteados para apresentarem numa próxima ocasião trabalhos pedagógicos, que eram pesquisas realizadas individualmente.

Em 02 de junho de 1963, realizaram-se as festividades do cinquentenário do Grupo Escolar, chamado de Jubileu de Ouro. Na ocasião a Professora Maria de Jesus, Dona Cotinha, era diretora da escola. Desfilaram durante as comemorações também ex-alunos do Grupo Escolar, então

celebridades no Estado, como os Coronéis Ítalo e Adélio Conti, o Prefeito Farid Guérios e o Vereador Napoleão Feijó.

Figura 1 – Desfile do Cinquentenário



A foto retrata o desfile do pelo cinquentenário do Grupo Escolar Professor Serapião, no ano de 1963, em União da Vitória-PR. Vê-se à frente e ao centro a então diretora da escola, Professora Maria de Jesus Araújo Ribas.

Fonte: MELO JÚNIOR, 1990, p. 122.

Em seu discurso de encerramento das atividades do cinquentenário, D. Cotinha expressou-se da seguinte forma com relação à sua profissão:

É árdua a carreira do magistério. E ingrata às vezes. Mas constitui um conforto para nossa alma verificarmos que o nosso esforço encontra ressonância nos corações de nossos conterrâneos, que jamais negaram o calor do seu estímulo, que nunca deixaram de acorrer ao culto do civismo, numa admirável afirmação de amor nativo. (MELO JÚNIOR, 1990, p. 124)

D. Cotinha compareceu também às comemorações dos 75 anos do educandário, ocasião em que foi homenageada pela Direção. Nesse mesmo ano de 1988, por sua importância histórica em configurar um marco da implantação da cidade de União da Vitória após o acordo de limites entre

Paraná e Santa Catarina, o prédio da escola foi tombado pela Curadoria do Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria de Estado da Cultura.

A cidade de Porto União a homenageia nesta ocasião pelos anos dedicados à educação local, ao bem-estar e desenvolvimento de tantas crianças que frequentaram os bancos escolares durante o tempo em que atuou como professora e como diretora.

A Professora Maria de Jesus Araújo Ribas faleceu em Curitiba, em 28 de agosto de 2008, aos 93 anos.

Referências

GRUPO ESCOLAR PROFESSOR SERAPIÃO. UNIÃO DA VITÓRIA-PR. **Atas de reuniões de professores.** 1954-1965.

MELO JÚNIOR, Cordovan Frederico. **União da Vitória:** nossa escola nossa história. Porto União-SC: Uniporto, 1990.

Maria Thérézia Butzen

15/10/1925 – 28/02/2022

Maris Stela da Luz Stelmachuk¹

Filha de Maria Margarida Butzen e Pedro Alysio Butzen, Maria Thérézia nasceu em Montenegro, no Rio Grande do Sul, em 15 de outubro de 1925. Sua formação superior foi em Filosofia Pura, Direito Pleno e Administração Escolar, este de nível médio. Casou-se com Albino André Deboni, com quem teve uma filha, Helena, que também é advogada. Maria Thérézia declarava-se positivista, seguidora de Augusto Comte, filosofia que, por muito tempo, pautou seu estilo de vida.

Nascida em meio rural, foi colocada na escola e entende que este foi um encaminhamento natural, pois, segundo suas palavras, todos têm que se escolarizar. Ao ser encaminhada ao colégio, achou isso normal. Para ela, esta foi uma conquista pessoal, mas também histórica para muitas mulheres e, para ter sentido, esta conquista tem que ser revertida em trabalho direcionado ao outro, à sociedade. Assim, dos bancos escolares passou para a vida profissional, que começou como professora no Magistério da Escola Normal Professora Amazília, em União da Vitória. Lecionou também no Colégio Estadual Túlio de França. Juntamente com outras professoras, fundou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória.

Como educadora, tratou o magistério como responsabilidade social e visão ampla, humanizada, levando-a a perceber que sua dedicação em sala de aula deveria ser de acolhimento às necessidades dos alunos. Nem sempre pensou e agiu assim, mas à medida em que foi construindo experiência, tornou-se mais flexível que inicialmente, pois foi percebendo não estar mais certa de que o que ensinava seria a “solução do mundo”, como acreditava em seu início de carreira. Com um olho em seu estilo de trabalhar e outro nos

¹ Acadêmica ocupante da Cadeira 16 da Academia de Letras do Vale do Iguaçu (ALVI), cujo patrono é Alvir Riesemberg. Mestre e Doutora em Psicologia.

alunos, passou a valorizar o sacrifício daqueles que trabalhavam durante o dia e estudavam no período noturno. Isto a fez mudar seus critérios de avaliação. Em meio a isso, esteve presente sua autoavaliação como educadora; ou seja, com respeito, profissionalismo e afetividade, entendia que não poderia dar nota de graça aos alunos, mas valorizar o quanto de avanço cada um atingiu. A partir disso, passou “a dar uma de assistente social [...] me dedicava ao aluno fraco. Eu não aceitava mais reprovação: Eu sou paga, eu tenho que ajudar”. [sic]

Professora fundadora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, atual Campus União da Vitória da Unespar, onde lecionou de 1960 até 1974, Maria Therézia engajou-se também na efetivação do reconhecimento desta instituição junto ao Ministério da Educação e Cultura.

Além de docente do ensino superior, Maria Therézia também foi a primeira profissional de advocacia do sexo feminino em União da Vitória e Porto União. Como professora, lecionou também no Colégio Estadual Túlio de França, em União da Vitória. Tendo sua vida sempre pautada pela intelectualidade e pela erudição aprendeu o idioma alemão, mas também o francês e outras línguas, como latim e espanhol.

Já aposentada, enquanto sua saúde permitia, sua vida social foi ficando restrita e incluía viagens a Florianópolis com a filha. Mais frequentemente, no entanto, gostavam de sair para pequenas localidades próximas a União da Vitória e Porto União, a fim de descobri-las. Estas descobertas referem-se à vegetação, sobretudo às flores, mas também exploravam o comércio das pequenas localidades, onde procuravam curiosidades e mesmo confeitarias e restaurantes, que consideravam pitorescos e interessantes. Aposentou-se como professora pela Faculdade de Ciências e Letras de União da Vitória, que mais tarde passou a fazer parte da Universidade Estadual do Paraná (Unespar).

Com esta pequena biografia a partir de entrevista concedida pela própria Maria Therézia, pude conhecer e desejo que outras pessoas também conheçam mais sobre esta pessoa de cultura e sensibilidade tão notáveis. Em contato com sua filha, Helena, mas também em suas próprias palavras, Maria Therézia revela ser pessoa que devota grande amor aos animais. Segundo sua

filha, ela, por várias vezes, acolheu animais que encontrava na rua, quando percebia que estavam em sofrimento. Saía pela vizinhança procurando os donos e, se não achava, ela mesma adotava e cuidava de cachorros e gatos perdidos. Helena a denominava “assistente social dos animais”, pela forma comprometida como acolhia os bichos que lhe passavam sob os olhos e estavam sem cuidados.

Coerente com sua filosofia de vida voltada para a intelectualidade e autonomia, Maria Therézia direcionou-se para a formação e consolidação de sua vida profissional, construindo uma carreira consistente e reconhecida, o que lhe auferia prerrogativas e postura firme diante dos gestores da instituição em que trabalhava para agir conforme lhe ditava seu senso humanitário diante dos alunos:

[...] um aluno tinha que operar a cabeça e não queria porque tinha prova, e nós não tínhamos autorização pra fazer prova posteriormente. Eu comecei a ajudar. E depois, eles não podiam também mexer muito comigo porque eu tinha o maior número de registros de Conselho Federal de Educação. Eu sabia bem a língua alemã, sabia bem o francês e outras línguas, como latim e espanhol, que todo mundo sabe. Como advogada eu tinha clientes na Grécia, na Alemanha, na Áustria, nos Estados Unidos.

Com esta fala, termino este texto sobre a magnânima pessoa Maria Therézia Butzen, que, com suas próprias palavras, mostra tanto sua sensibilidade como o franco reconhecimento do lugar que construiu em suas profissões e na sociedade com a qual contribuiu de modo admirável e inesquecível. Maria Therézia Butzen faleceu na data de 28 de fevereiro de 2022.

Yolanda Ignar Jung

Therezinha Leony Wolff

1

A senhora Yolanda Ignar Jung nasceu em Curitiba, no dia 18 de julho de 1913. Filha de José Poneske e Ema Poneske, foi uma das primeiras mulheres que se dedicaram ao comércio farmacêutico em Porto União. Casou-se em 14 de janeiro de 1933 com o farmacêutico Willy Carlos Frederico Jung. Desse enlace matrimonial nasceram os filhos Willy Carlos Jung, Yolanda Jung, Luis Fernando Jung, José Lúcio Jung e Gerson Mário Jung.

O casal Willy e Yolanda, sempre envolvidos na sociedade dessas duas cidades amigas, participaram ativamente de várias atividades sociais, cívicas e filantrópicas. O filho, Willy Carlos Jung, formado em Ciências Bioquímicas, com doutorado em Farmácia, foi professor no ramo das Ciências Químicas e Biológicas em estabelecimentos de ensino de Porto União e de União da Vitória. Casado em primeiras núpcias com Leni Wolff Folador, dessa união nasceram os netos Willy Carlos Frederico Jung e Sandra Jung.

Willy Carlos, como empresário, deu continuidade ao comércio farmacêutico no mesmo local onde seus avós Yolanda e Willy iniciaram seus trabalhos. Atuando na política, foi eleito prefeito de União da Vitória, governando o Município por toda uma gestão.

Yolanda, nossa homenageada, mãe e avó, sempre esteve ao lado do marido no atendimento comercial, mesmo fora do horário de expediente e, quando necessário, prestando os primeiros socorros e realizando os

¹ Membro fundador da Academia de Letras do Vale do Iguaçu. Ocupante da Cadeira nº 20. Patrono: Ivonnich Furlani. Membro da Academia de Cultura e Expressão-ACUPRE. Contista e Memorialista. Autora de inúmeros livros e artigos.

tratamentos preventivos na área da saúde. Numa época em que os laboratórios imprimiam almanaques com assuntos sobre a saúde e diversos outros ligados à cultura, para serem distribuídos nas farmácias, Yolanda, ligada a esse tipo de leitura, fazia questão de entregá-los aos fregueses. Com um sorriso sempre pronto dizia: “Leve junto o seu Capivarol!”, nome do xarope fortificante feito pelo laboratório, que dava nome ao almanaque.

Na Farmácia União, das primeiras farmácias aqui instaladas e atendida pelos proprietários, era sempre Yolanda quem junto ao balcão, com carinho, dedicação e eficiência, tratava indistintamente a todos, os muitos que lá chegavam. Os trabalhos de socorro eram realizados na sala destinada aos curativos e aplicação de injeções, ou muitas vezes feitos em domicílio, fora do horário habitual de atendimento, e cabiam ao seu esposo. Com solidariedade e presteza no atendimento, sempre oferecendo a quem buscava um pronto alívio, tendo ou não dinheiro, merecidamente, Yolanda e Willy ficaram conhecidos carinhosamente pela população como “pais dos pobres”.

Zelinda Lima Macheli

1922- 2022

Leni Trentin Gaspari¹

Prestar homenagem para a professora Zelinda muito me alegra, pelas gratas lembranças dos anos 1960, época em que eu trabalhava com os alunos das séries iniciais na Escola Clementina Lona Costa, onde ela foi a primeira diretora. Sua calma, paciência e sabedoria para atender e orientar as jovens professoras iniciantes foram muito importantes para minha jornada profissional.

Zelinda de Lima nasceu no município de Palmas no dia 15 de março de 1922, filha de Miguel Arcanjo Neto e Dorvina Sirena de Lima. Casou-se com o Sr. Zenóbio Macheli (*in memoriam*), com quem teve quatro filhos: João Miguel Macheli (*in memoriam*); Leo Marcos Macheli; Zenóbio Macheli Filho (*in memoriam*); e Célio Sebastião Macheli.

Em sua cidade de origem, Palmas, começou seus estudos preparatórios e cursou a Escola Normal Regional, recebendo seu diploma em 20 de dezembro de 1952. Zelinda ensinava na Escola Coronel Domingues a partir do ano 1942 e certamente foi em busca do curso para aprimorar seus conhecimentos e crescer na sua carreira profissional.

Mais tarde, residindo em União da Vitória, cursou a Escola Normal Secundária, sendo diplomada em 06 de dezembro de 1958. Foi professora também na Escola José de Anchieta e no Grupo Escolar Prof. Serapião, atuando sempre com dedicação e responsabilidade. Pelos seus méritos profissionais e pessoais foi convidada para assumir a Direção da Escola

¹ Membro fundador da Alvi (Academia de Letras do Vale do Iguaçu). Ocupante da cadeira nº19. Patronesse Profa. Edy Santos da Costa. Membro efetivo do Centro de Letras do Paraná. Professora aposentada na Unespar. Mestre na área de Educação, História e Memória. Historiadora e escritora com enfoque na história local e das mulheres.

Clementina Lona Costa no período de 1964 a 1968, quando recebeu sua merecida aposentadoria.

Mestra dedicada, exerceu o cargo de diretora desse estabelecimento de ensino sempre com muita competência, firmeza e bons exemplos, sendo respeitada pelas professoras, funcionárias e alunos. Ao mesmo tempo em que era firme nas suas decisões, também sabia ser amiga e conselheira a quem dela precisasse. Zelinda, além de professora, foi uma excelente pessoa no atendimento aos familiares e amigos, sempre pronta a dar o apoio necessário.

Em 15 de março de 2022 completou seu centenário, e por essa razão a Câmara Municipal de União da Vitória organizou uma homenagem por iniciativa do Vereador Sr. José Pedro Walck², que estudou na Escola Clementina Lona Costa à época em que ela foi diretora. Ele decidiu prestar-lhe uma homenagem como forma de gratidão pelo empenho na sua nobre profissão. E na noite de 04 de abril do ano 2022, durante a Sessão Ordinária da Câmara de Vereadores, ela foi realizada. Após leitura de um texto escrito pelo referido vereador, a moção foi aprovada por unanimidade.

Figura 1 - Moção concedida pela Câmara de Vereadores - 2022



Fonte: Acervo dos familiares da Professora Zelinda.

² Agradeço ao vereador José Pedro Walck por me enviar a gravação da noite da homenagem à professora Zelinda, facilitando meu trabalho para digitar parte do texto.

O Sr. José Pedro Walck, tomado pela emoção, proferiu belas palavras à Professora Zelinda. Tomo a liberdade de transcrever aqui alguns trechos de sua fala:

Gostaria de agradecer sua presença nesta noite e manifestar nossa alegria por prestar essa homenagem pela passagem neste marco de sua vida tão importante. Tenho certeza que até hoje a senhora fica feliz e emocionada quando encontra um ex-aluno ou ex-aluna que lhe chama de professora. Completar um centenário não é pra todo mundo não, então sinta-se muito abençoada por Deus por estar completando mais esse ciclo de vida, de poder ter condições de olhar para sua história e poder se orgulhar de toda a sua trajetória de amor pela Educação. Saiba que está deixando seu legado na vida de seus familiares, amigos, para toda a comunidade de União Da Vitória, mas principalmente na vida de todos os meninos e meninas que tiveram a honra de receber toda sua atenção e cuidado quando da sua atuação na Educação. Professora, sabia que a senhora deixou muitas boas lembranças na minha memória? Lembro-me bem da maneira dedicada na Escola Clementina onde passou maior parte da sua vida se dedicando a essa profissão tão digna e honrada, e orientou tantos alunos a construírem muito mais do que apenas conhecimento, orientou na formação de seus valores e caráter. Por isso lhe resolvi prestar essa homenagem, para ficar publicamente registrado nessa casa de leis o respeito, a gratidão que tenho pela senhora. Através de seus exemplos de carinho, muitas vezes de seus puxões de orelha, me fizeram perceber até nessa vida, o que mais importa é ser uma pessoa de bem e um cidadão que valoriza sua história e suas raízes.

Nosso muito obrigado e nossa admiração pela sua história. Não vamos esquecer de que: **quem compartilha conhecimento merece parabéns todos os dias**. Parabéns, Prof. Zelinda, meu muito obrigado.

Figura 2 - Professora Zelinda à frente com vereador José Pedro Wack e sua nora Neid Lucia V. Jakymiu. Atrás, os vereadores: Edilson de Godoy, Julio Adilson Filho, Alandra Roveda, Andre Renike, Valdeci Ratko, Anderson Luis Cardoso e Emerson Lourenço.



Fonte: Acervo da autora.

Noite de emoção para Profa. Zelinda e de fotos para preservar momentos de alegria junto às pessoas queridas do seu coração.

Figura 3 – Profa. Zelinda com suas flores ao centro. A sua direita Leni Trentin Gaspari, Célia Maria B. Weiller³ e Narjara Dias. Atrás, sua nora Neid Lúcia Jakmiu e a sua esquerda Ely Jensen e Sandra.



Fonte: Acervo de Leni Trentin Gaspari.

Com essa merecida homenagem a Professora Zelinda despediu-se das amigas com abraços e sorrisos e retornou feliz ao seu lar com seus familiares. Viveu mais quatro meses junto aos familiares. Alguns meses depois partiu para a espiritualidade no dia 27 de agosto de 2022, deixando saudades e lindos exemplos. Tantas palavras de elogios e carinho dos amigos e familiares alegraram sua vida! Ely Jensen, professora que trabalhou com Zelinda como sua secretária na Escola Clementina, sua amiga, colega e admiradora, falou: “Professora Zelinda foi esposa dedicada, mãe extremosa de quatro filhos e mestra por vocação”.

³ Meus agradecimentos a Célia Maria B. Weiller, sobrinha da Professora Zelinda, a qual prontamente me forneceu dados sobre a mesma. Agradeço também às demais pessoas pela permissão do uso das fotos.

Assim, mais uma biografia vai emoldurar o “Memorial da Mulher”, pois uma mulher que dedicou sua vida à Educação e à família merece ter seu nome inscrito naquele espaço destinado à mulheres batalhadoras, para que suas atitudes e exemplos permaneçam como incentivo às jovens professoras que continuam seu trabalho nas escolas junto às nossas crianças.